

PUC

A MUDANÇA DA PERCEPÇÃO DE "SI MESMO" EM GRUPOS DE
ENCONTRO BÁSICO EXTENSIVO

Jorg Dieter Hutter

Departamento de Psicologia

Fev./1975

Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 209 — ZC-20
Rio de Janeiro — Brasil



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Psicologia

UC19168-6

**BIBLIOTECA
DO
I. E. B. B.**

A MUDANÇA DA PERCEÇÃO DE SI MESMO
EM GRUPOS DE ENCONTRO BÁSICO EXTENSIVO

por

JORG DIETER HUTTER

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, fevereiro de 1975



LE- [diagram] 8-6

150
HAG =
+ ES : VC

0112

"Quanto mais nos conhecemos,
mais luz aparece...

Quanto mais se mergulha,
maior é a paz que se encontra..."

Krishnamurti

Aprender a viver com os outros
é descobri-los. Essa é uma das
mais vitais e complexas apren-
dizagens que cada um de nós tem
a realizar.

A Telma, esposa querida, pelo estímulo, compreensão, apoio e paciência

A Mônica e Eduardo, filhos incomparáveis, pelo precioso tempo que lhes foi "roubado"

Ao "Grupo", pelas vivências estimulantes que partilhamos

A Almir da Silva Mendonça, pela sua cultura, personalidade e colaboração inestimável

A Angela Biaggio, pela sua boa vontade e interesse demonstrados

A Maria Alice Bogossian e Maria Lúcia do Eirado Silva, pela sua riqueza em amizade e colaboração

A Rogério Buys, cujas idéias e reflexões muito contribuíram para minha formação profissional

A Thereza Pontual de Lemos Mettel, fonte permanente de estímulo, por sua ajuda lúcida e dedicada com que orientou esta Tese

Ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, e a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho

OS MEUS AGRADECIMENTOS

Tese apresentada aos Srs.:

Angela Maria Brasil Biaggio
Angela Maria Brasil Biaggio

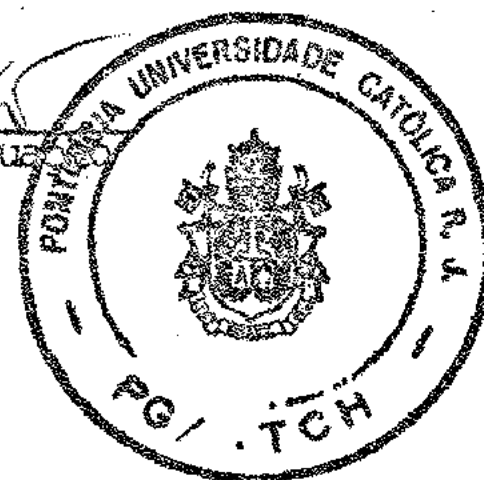
Almir da Silva Mendonça
Almir da Silva Mendonça

Inezza Pontual de Lemos Mettel
Inezza Pontual de Lemos Mettel

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 11/17/75

Almir da Silva Mendonça
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas



SUMÁRIO

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa experimental, de caráter exploratório, apoiada numa abordagem teórica rogeriana, cuja finalidade foi a de mostrar que, facilitando o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento interpessoal através de um grupo de encontro básico extensivo, conseguem-se resultados aproximados àqueles preconizados pela terapia rogeriana.

Foi utilizada uma amostra de 22 estudantes do sexo feminino do curso de Psicologia da UFRJ, dividida em dois grupos; o grupo experimental - composto de 12 Ss - submeteu-se voluntariamente à setenta e duas sessões de atividades de grupo "não-diretivas", sendo cada sessão de duas horas, realizadas duas vezes por semana.

Nas avaliações dos resultados foram empregados como instrumentos de medida o "Self-Anchoring Striving Scale" de Cantril, uma Análise de Conteúdo de relatos verbais, e o "State-Trait Anxiety Inventory" de Spielberger. Utilizando um grupo de controle, mediu-se a mudança da auto-percepção em duas ocasiões diferentes: antes-e-depois do experimento, segundo um plano "Quasi-Experimental".

As conclusões dessa pesquisa - enfatizado seu caráter exploratório, - são significativas e animadoras no sentido de incentivar pesquisas mais rigorosas e de maior amplitude, a fim de validar o método do Grupo de Encontro Básico Extensivo.

SUMMARY

The present work, an exploratory study, intends to show that the results obtained with the Rogerian therapy is depicted with an extensive basic encounter group which facilitates the process of personal growth and interpersonal development.

A sample of 22 female students taking a course in Psychology at UFRJ, divided in two groups was used. The experimental group (12 Ss) attended voluntarily to 72 two-hours sessions of non-directive encounter group.

In evaluating the results, the Cantril's "Self-Anchoring Striving Scale", Spielberger's "State-Trait Anxiety Inventory" and content analysis of written material were employed to compare the "self-perception" data obtained from the experimental and control group in two different occasions using a before-after design.

The conclusion wich one can draw from the present work, although tentative because of its exploratory nature, is quite important given its heuristic character in assessing the validity of the Extensive Basic Encounter Group as a method of personal development.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - CONCEITUAÇÕES	8
1.1 - Grupo	8
1.1.1 - Tipo e Características	8
1.1.2 - Introdução Histórica	10
1.2 - Grupo de Encontro Básico	15
1.2.1 - Origens	15
1.2.2 - Definição	18
1.2.3 - Objetivos	18
1.2.4 - Processo	19
1.2.5 - Resultados	24
1.3 - Grupo de Encontro Básico Extensivo	25
1.4 - Percepção de "Si-mesmo"	25
1.4.1 - Os seus dois significados	27
1.4.2 - A sua definição	27
1.5 - O que medir	28
1.6 - Hipóteses	32
1.6.1 - Categorias utilizadas nas hipóteses	34
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	40
2.1 - A Teoria da Terapia de Carl Rogers	40
2.1.1 - no contexto da Psicologia	42
2.1.2 - e sua Estrutura Básica	44
a) Os Postulados	45
b) Um Esquema	49
c) Definição dos Conceitos Utilizados	51
2.1.3 - e suas Implicações Metodológicas	54

2.2 - A Teoria das Relações Interpessoais	57
2.2.1 - em pequenos grupos	66
2.3 - As Teorias utilizadas e o nosso experimento	72
2.4 - Conclusão	75
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	77
3.1 - Os Sujeitos	77
3.2 - Principais Aspectos Metodológicos	77
3.2.1 - A escolha da Amostra	77
3.2.2 - A escolha do Plano Experimental	78
3.2.3 - A escolha das Condições Ambientais	80
3.2.4 - A escolha das Técnicas de Avaliação	81
a) "Self-Anchoring Striving Scale"	81
b) "Análise de Conteúdo"	84
c) "State-Trait Anxiety Inventory"	85
3.3 - Procedimentos	86
3.3.1 - relacionados com as Técnicas de Avaliação	86
3.3.2 - relacionados com a Técnica de Encontro	98
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS	100
4.1 - Resultados do "Self-Anchoring Striving Scale"	101
4.1.1 - Tratamento Estatístico	102
4.2 - Resultados do "State-Trait Anxiety Inventory"	104
4.2.1 - Tratamento Estatístico	106
4.3 - Resultados da "Análise de Conteúdo"	108
4.3.1 - Tratamento Estatístico	113

CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES	118
5.1 - Primeira Hipótese	118
5.2 - Segunda Hipótese	119
5.3 - Terceira Hipótese	120
5.4 - Hipótese Adicional	123
5.5 - Considerações Finais	125
APÊNDICE	
Anexo I - "Self-Anchoring Striving Scale" - Forma utilizada para o grupo experimental	127
Anexo II - "Self-Anchoring Striving Scale" - Forma utilizada para o grupo de controle	128
Anexo III - "State-Trait Anxiety Inventory" - Parte I	129
Anexo IV - "State-Trait Anxiety Inventory" - Parte II	130
Anexo V - Tipo de Relato Verbal utilizado na Análise de Conteúdo	131
Anexo VI - Instruções para os Analistas de Conteúdo	132
Anexo VII - Cronograma da Pesquisa	146
BIBLIOGRAFIA	147

ÍNDICE DAS FIGURAS E TABELAS

Figura 1 -	Derivação das teorias Rogerianas à partir da Teoria da Psicoterapia	42
Figura 2 -	Forma de comunicação interpessoal em pequenos grupos tal como a descreve Rogers, citado por de La Puente	68
Figura 3 -	Forma de comunicação interpessoal em pequenos grupos tal como propõe o autor	68
Figura 4 -	Visão esquemática das Teorias utilizadas e sua correlação com o experimento realizado	74
Figura 5 -	Escala utilizada para a avaliação da auto-percepção por Cantril	89
Figura 6 -	Resumo dos procedimentos realizados para avaliação da auto-percepção na presente pesquisa	97
Tabela 1 -	Escore alcançado pelo Grupo Experimental no "Self-Anchoring Striving Scale"	101
Tabela 2 -	Escore alcançado pelo Grupo de Controle no "Self-Anchoring Striving Scale"	102
Tabela 3 -	Resultados encontrados pelo tratamento estatístico dos escores do "Self-Anchoring Striving Scale" através do teste t de Student	103
Tabela 4 -	Escore bruto alcançado pelo Grupo Experimental no "State-Trait Anxiety Inventory", parte I	104
Tabela 5 -	Escore bruto alcançado pelo Grupo de Controle no "State-Trait Anxiety Inventory", parte I	105
Tabela 6 -	Escore bruto alcançado pelo Grupo Experimental no "State-Trait Anxiety Inventory", parte II	105
Tabela 7 -	Escore bruto alcançado pelo Grupo de Controle no "State-Trait Anxiety Inventory", parte II	106
Tabela 8 -	Resultados encontrados pelo tratamento estatístico dos escores brutos do "State-Trait Anxiety Inventory" através do teste t de Student	107

Tabela 9 - Resultados encontrados pelo tratamento estatístico dos escores brutos do "State-Trait Anxiety Inventory" através do teste U de Mann Whitney	107
Tabela 10 - Níveis de Acordo entre Analistas	108
Tabela 11 - Resultados obtidos pela Análise de Conteúdo na categoria "Abertura à Experiência", relativos ao Grupo Experimental	109
Tabela 12 - Resultados obtidos pela Análise de Conteúdo na categoria "Congruência", relativos ao Grupo Experimental	110
Tabela 13 - Resultados obtidos pela Análise de Conteúdo na categoria "Relacionamento", relativos ao Grupo Experimental	110
Tabela 14 - Resultados obtidos pela Análise de Conteúdo na categoria "Abertura à Experiência", no Grupo de Controle	111
Tabela 15 - Resultados obtidos pela Análise de Conteúdo na categoria "Congruência", no Grupo de Controle	111
Tabela 16 - Resultados obtidos pela Análise de Conteúdo na categoria "Relacionamento", no Grupo de Controle	112
Tabela 17 - Resumo das frequências de imagens auto-referentes obtidos pelos dois grupos	112
Tabela 18 - Valores de T obtidos pela técnica de Wilcoxon "intra" grupos	115
Tabela 19 - Valores de U obtidos pela técnica de Mann-Whitney "inter" grupos	116

INTRODUÇÃO

Ao fazermos, hoje, uma análise retrospectiva de nossa formação humanista, encontramos um denominador comum em nossos interesses: o grupo.

Duas décadas de formação e labuta em atividades assistenciais, - primeiro na área da Orientação Educacional e depois na da Psicologia além do Magistério, - são bastante para evidenciar nosso envolvimento com situações de grupo. Assim, em diversos períodos dessa formação, observamos o constante aumento da popularidade dos métodos de grupo, de tal forma que a expressão - "Deixe-me contar algo sobre minha experiência de grupo" - tornou-se tão corriqueira e significativa como: - "Deixe-me contar algo sobre minha operação" ou "Deixe-me contar o que se passou na minha análi-se". Tal pedido tem algo de legítimo. A experiência de grupo parece ter um caráter único para cada um de seus participantes; o seu efeito é tão dramático, compulsivo e poderoso, que eles tem dificuldades para convertê-la em palavras para os que dela não participaram.

Simultaneamente com a formação acima descrita, um fato singular marcou nossa posição filosófica: o reconhecimento gradativo de que nossos valores se identificavam cada vez mais com aqueles que Carl R. Rogers preconiza. Nossos estudos o confirmaram. Toda vez que liamos um livro de ou sobre o mencionado autor, ele tinha sabor de romance policial, tal o interesse que nos despertava. Cada investigação científica realizada por sua equipe ou por seus seguidores que confirmava sua teoria tinha para nós um caráter de apoio, reforçando nossa atitude de crença e identificação.

Não se trata, no entanto, de uma crença cega e absurda. Mas sim, de uma fé serena e científica. É do nosso conhecimento o cuidado dos rogerianos na análise dos experimentos mal sucedidos, a sua abertura à críticas e mesmo reformulação de certos pontos de vista.

O desejo de refletir sobre nossa experiência de treinador, participante, observador e facilitador de diversos grupos, assim como o desejo de vivenciar em termos de pesquisa o que havia mos aprendido e compreendido, foi o móvel que originou a presente investigação.

No início de nossas considerações, quando começamos a participar de grupos de encontro básico e o nosso problema apenas despontava, uma indagação se fez pregnante: - Seriam válidas tais atividades de grupo do ponto de vista científico?

Estudos e leituras nos conduziram a uma resposta positiva, pois uma análise de vários estudos de investigações sobre grupos de encontro básico foi feita pelo Dr. Jack Gibb nos Estados Unidos (1970), nos mostraram a seriedade com que foram encarados tais assuntos. Rogers, em seu livro "Grupos de Encontro" (1972a), diz que Gibb *"analisou 106 estudos, incluindo 7 revisões anteriores de tal investigação. Examinou também 123 estudos adicionais, que não se ajustaram ao seu critério de inclusão, e também 24 teses de doutoramento de 13 Universidades. Sabe-se da mesma forma que 14 teses foram completadas durante o período 1967-69, sendo que muitas mais estão em curso"* (p. 128). Os estudos de Gibb (1970) nos mostram que há uma forte evidência de que as experiências de treino

de grupo intensivo tem efeitos psicológicos promotores de crescimento. Além disso, no período 1970-73 localizamos mais nove pesquisas publicadas no "Psychological Abstracts", que mostram resultados positivos em relação à validade dessas atividades de grupo.

Esses estudos, no entanto, só responderam parcialmente nossas perguntas, dirigindo nossa atenção para interrogações mais específicas, aquelas que nos levaram a uma definição de nosso problema: - Num indivíduo que participa de um grupo de encontro básico, dão-se realmente mudanças significativas que possam ser atribuídas aquela atividade de grupo? - Que mudanças são essas? - Como elas se dão?

Tais perguntas poderiam ser respondidas com uma consulta a Rogers em seu livro "Psicoterapia centrada en el Cliente" (1969). Cita ele diversas investigações científicas à respeito, dizendo que "*o indivíduo tende a perceber-se como mais capaz de ser espontâneo e autêntico, (Lipkin, 1948); tende a perceber todos os aspectos de si-mesmo e de si-mesmo-em-relação com menos emoção e mais objetividade, (Stock, 1949); tende a perceber-se como mais independente e capaz de enfrentar os problemas da vida, (Lipkin e Stock, 1949); tende a perceber a si mesmo como quem avalia a sua experiência em vez de considerar-se num mundo em que os valores são inerentes e estão ligados aos objetos de sua percepção, (Kessler, 1947)*" (p. 129). Também poderíamos citar estudos mais recentes, de Bebout e Gordon (1972b), que apresentam "*evidências do impacto holístico da experiência de grupo em termos auto-percepção, valores e relacionamento*" (p. 85).

Mas, apesar disso tudo, continuaríamos sem ter passado pela experiência de uma forma plena, fazendo persistir uma interrogação: - Que resultados encontraríamos nós ao pesquisar a auto-percepção dos participantes de um grupo de encontro básico?

Fascinados pela problemática que se nos afigurava, sentimos um envolvimento cada vez maior com o assunto quando nos surgiu uma oportunidade de colocar em prática a execução de uma pesquisa experimental nessa área: recebemos o encargo de facilitar um grupo de alunos cujo objetivo fundamental seria o de que eles vivenciassem a experiência de grupo, pelo período de um ano.

Esbarramos, no entanto, com um primeiro obstáculo: os nossos estudos e leituras, aqueles a que nos referimos acima, restringiam-se aos grupos de encontro básico de caráter intensivo. Os seus autores por vezes nos pareceram contraditórios no que diz respeito a duração de um grupo de encontro básico: o mesmo autor acima, Gibb (1970), diz que as experiências de grupo para serem plenamente eficazes, devem concentrar-se em sessões ininterruptas e contínuas. Mais adiante comenta que o tempo total do grupo deveria ser maior do que realmente é, pois a investigação demonstra maior impacto nos grupos mais longos. Rogers (1972a) por seu lado, mostra que os estudos de diversos investigadores *"confirma a experiência de muitos facilitadores, de que se conseguirá mais em 20 ou 40 horas de sessões de um fim de semana ou de uma semana, do que no mesmo número de horas em sessões de uma vez por semana"* (p. 128). Por outro lado, a leitura dos escritos mais recentes de Gibb (1970), nos mostra

que em termos de duração, os pequenos grupos variam de poucas horas em um microlaboratório até 17 ou 18 meses. Além disso não faz maiores referências ao problema da duração. Assim, nossas pesquisas bibliográficas evidenciam apenas que: a) os grupos intensivos mais longos tem cerca de 2 semanas de duração; b) os grupos mais longos, a que chamaremos extensivos, com uma ou duas sessões alternadas por semana, estão situados dentro de um ramo caracterizado por Gibb apenas como terapêutico; c) nada mais encontramos sobre estudos que mostrem conclusões a respeito da duração. Tal situação levanta muitas interrogações, mostrando ser um assunto que merece ser pesquisado, sistematizado e investigado.

Pelo que ficou exposto, os grupos de encontro implicam, - em termos de duração - em dois tipos distintos: os intensivos e os extensivos. Levando em conta os resultados positivos dos grupos intensivos, comprovados por um grande número de investigações citadas por Rogers (1972a) e por Miguel de la Puente (1973), além daquelas já citadas, ocorre-nos nova pergunta: - O processo que se dá na mudança da percepção de si mesmo em um grupo de encontro básico intensivo é o mesmo que num grupo extensivo?

Antevimos também a possibilidade de pesquisar se os grupos extensivos tem qualquer fator de aprendizagem mais eficaz que os intensivos, mas isso seria ir longe demais para uma só pesquisa.

Em se tratando de um questionamento muito abrangente e amplo em termos de trabalho, pesquisa, estudo e dedicação, acre-

ditamos ter em mãos um vasto programa de investigações, que não se resume na presente pesquisa, mas delinea um plano de trabalho, que por ela se inicia.

Assim, é do maior interesse para nós, começar as pesquisas tentando, numa primeira etapa, responder se em um grupo de encontro básico extensivo há mudanças na percepção de si mesmo.

Esperamos que a continuidade de nosso labor universitário, tanto no Magistério como na Pesquisa, nos permita responder as outras questões acima formuladas, justificando assim plenamente nossa vontade de dar uma humilde contribuição ao campo da pesquisa e prática psicológica.

Finalmente, é oportuno dizer ainda, que essas investigações se justificam também em face de sua relevância: - contemporânea, indicada na tendência atual, onde a maioria das atividades humanas são e devem ser realizadas em grupo; na opinião de Rogers "*os grupos de encontro podem ser considerados como a invenção social mais potente e rapidamente difundida deste século, traduzindo se num movimento que se alastra por todo continente e já atinge outros países*"; - operativa, indicada no surgimento de novos conhecimentos aplicáveis na área do aconselhamento, fornecendo instrumentos mais eficientes aos profissionais da Psicologia, no sentido de um alcance mais amplo e profundo de seu trabalho assistencial; - humana, indicada na possibilidade de, - com o aumento de psicólogos treinados em grupos de encontro, - ajudar a resolver um dos maiores problemas da atualidade, que é, segundo Rollo May, a solidão

do homem contemporâneo.

Em síntese, a utilização do aconselhamento individual como técnica de ajuda psicológica já não se justifica, a não ser em certos casos. A explosão demográfica, o processo irreversível das megalópoles, a transitoriedade, a superindustrialização, a complexidade do mundo de hoje e as recentes constatações de seus efeitos nos seres humanos deveriam sensibilizar e despertar a crescente responsabilidade dos profissionais da Psicologia. É nesse contexto que o homem - cada vez mais necessitado da "proximidade" de seus semelhantes - sente-se mais sozinho do que nunca. Sua falta de comunicação e interação com os outros, assim como o seu desenvolvimento anômalo, acentua-se progressivamente. A solidão existencial crescente diminui proporcionalmente sua capacidade de desenvolvimento psicossocial, produzindo por sua vez, reflexos cumulativamente negativos na sociedade e cultura na qual coexistimos.

CAPÍTULO 1

CONCEITUAÇÕES

1.1 Grupo

A conceituação utilizada é proveniente de Olmsted, (1970) que define grupo *"como uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, se consideram mutuamente e que estão conscientes de que tem algo significativamente importante em comum"* (p. 12).

1.1.1 Tipo e Características

Como a definição acima não distingue os vários tipos de grupo tais como multidão, bando, aglomeração, etc., nem faz referência ao número de participantes, faz-se necessário acrescentar que no presente trabalho utilizou-se apenas o conceito de grupo pequeno, ou seja, o grupo especialmente constituído "ad hoc" no laboratório composto de voluntários reunidos para trabalhar na solução de problemas sob a orientação de um facilitador, e que estão dispostos a exibir uma cortesia geral e boa vontade em suas relações - consideradas como secundárias, - isto é, sem a lealdade e solidriedade características das relações primárias reais.

Desta forma, é de maior conveniência a definição utilizada por Anzieu (1971): *"um grupo pequeno se define como um determinado número de pessoas em interação individual durante uma reunião ou uma série de reuniões, frente a frente. Durante o cur-*

so dessas reuniões, cada um dos membros recebe alguma impressão ou percepção dos outros membros, emitindo alguma reação para com eles" (p. 28).

Também é conveniente ressaltar algumas das características do grupo pequeno pelas influências e possibilidades que elas proporcionam. Ainda segundo Anzieu, (1971) a primeira se refere ao "número de membros, que é restrito de forma a permitir a que cada um deles possa ter a percepção individualizada de cada um dos outros, ser percebido por estes e entre eles possa produzir-se uma grande comunicação interindividual" (p. 28). Olmsted (1970) limita o pequeno grupo entre dois e 20 membros. Outra característica é "a prosecução dos mesmos objetivos - que são assumidos como sendo do grupo - de forma ativa; esses objetivos são dotados de certa consistência, correspondem a diferentes interesses dos membros e são valorizados por eles" (p. 12). Na presente pesquisa, os objetivos comuns aos membros de nosso pequeno grupo foram considerados como sendo: o interesse pela atividade de grupo como estudantes de Psicologia e a possibilidade de participação numa atividade conhecida como propiciadora de crescimento pessoal e de desenvolvimento interpessoal.

Finalmente, as outras duas, ou seja, a presença de relações afetivas que podem chegar a ser intensas entre os membros e a presença de possível interdependência e sentimentos de solidariedade entre seus membros foram características que se fizeram notar frequentemente durante as sessões que foram levadas a efeito.

1.1.2 Introdução Histórica

Levando em conta de as atividades de grupo terem surgido e se desenvolvido nos Estados Unidos, achamos conveniente restringir nossa volta ao passado, apenas àquele país.

Um dos primeiros fatos que marcaram de forma indelével os movimentos de grupos, foram os Quakers. Surgidos na Inglaterra por volta do século XVII, levaram suas crenças e valores para as nascentes colônias americanas por volta do século XVIII. Reuniam-se em pequenos grupos para orar e falar num mesmo pé de igualdade, sem nenhuma organização hierárquica. Essas reuniões baseavam-se na liberdade de inspiração e criação, na igualdade dos participantes, incluindo mulheres, na busca da verdade divina, tudo sob a vigilância da inspiração coletiva. As reuniões começavam com o silêncio que se estendia até que alguém se encontrasse no estado de falar com absoluta sinceridade. Todos os participantes são corresponsáveis pela manutenção da disciplina e pelo exercício das diferentes funções necessárias.

Anzieu e Martin (1971) afirmam que *"a concepção Quaker do grupo democrático, fermento de valores morais e espirituais, agente de mudanças individuais e sociais, é a origem da ideologia que acompanha o nascimento da dinâmica de grupos nos Estados Unidos"* (p. 53).

Outro fato que merece ser aqui delineado é o da criminologia na década de 1920. Interessou-se pelo grupo na medida em que os indivíduos anti-sociais eram geralmente mais perigosos em

grupo do que individualmente. Enquanto na Áustria, Aichhorn mostrava que uma boa utilização do grupo podia servir para recuperar os delinquentes, os autores americanos esforçavam-se em analisar as "gangs" de delinquentes em liberdade. Frederick Trasher recolheu observações a respeito de 1100 bandos de jovens delinquentes através de informes policiais e conversas com ex-membros de tais bandos. Esses estudos foram bastante frutíferos, no que diz respeito à possibilidade de se estabelecer diversos padrões de comportamento, suas leis e motivações. Assim surgiram as primeiras investigações de grupos com caráter científico. Paralelamente surge uma reflexão filosófica que exalta a relação com os demais na formação da personalidade humana (George H. Mead) e o papel do grupo primário na socialização dos instintos individuais (Charles H. Cooley).

Ainda nos anos 30, William F. Whyte orienta suas investigações na colônia italiana de Boston através de um pequeno número de bandos que estuda intensamente como observador-participante. A observação desses grupos, - que não eram necessariamente de delinquentes, - forneceu a Whyte outro número significativo de conclusões sobre hierarquia e sobre pressão de grupo.

Nessa mesma época (1930), outro fato importante é registrado: no curso de uma investigação realizada numa instituição de adolescentes delinquentes (Hudson Institution), J.L. Moreno, que já havia criado o psicodrama, verifica e ajusta a técnica sociométrica.

trica.

Simultaneamente, Elton Mayo, um professor de filosofia australiano que se interessou tanto por psicologia do trabalho como em ocupar diferentes postos na indústria, segue para os E.E.U.U. onde dirige, de 1926 a 1947, o Departamento de Investigação Industrial da Universidade de Harvard. A sua primeira pesquisa na América (1923-25) refere-se a instabilidade do pessoal em oficinas de fiação de uma fábrica da Filadélfia, dando então uma interpretação psicológica aos resultados. Mais tarde, voltando ao assunto em sua obra "The Social Problem of an Industrial Civilization" (1945), Mayo lhes dá uma interpretação psicossociológica. No entanto, a experiência crucial foi desenvolvida por ele nas oficinas Hawthorne da Western Electric Company, perto de Chicago. A importância dessas pesquisas reside em diversos fatores: a amplitude da investigação; o apoio da direção; o clima social favorável por parte dos empregados; o tempo disponível bastante dilatado (de 3 a 5 anos); o experimento realizar-se num laboratório, a que chamou de "test-room", permitindo o controle das variáveis e dos fatores intervenientes. No entanto, o seu maior destaque se deve a resultados inesperados e de grande alcance sociológico, que tomaram o nome de "Efeito Hawthorne". Esses resultados surgiram pelo fato dos sujeitos do experimento terem tido condições tais que "se consideravam membros de um grupo", passando a operar como tal. Isso fez com que o rumo das pesquisas fosse dirigido para inúmeras e mais novas conclusões sobre grupos. Daí nasceu uma documentação consistente destinada a formação de dirigentes em relações humanas na indústria, além de melhorias sensi-

veis na moral coletiva dos trabalhadores, no rendimento e na produção.

Mayo ainda desenvolveu outras pesquisas na mesma área que foram interrompidas pela crise econômica que se desencadeou na década de 30.

Vale também citar como marco histórico o início das pesquisas puras de laboratório com Muzaffer Sherif em 1935 sobre a ilusão autocinética, realizada com grupos artificiais. A finalidade de sua primeira experiência era comparar as estimativas da amplitude de um estímulo luminoso, individualmente e em grupo. Observou-se que a situação de grupo corrige desvios de variação próprios de cada indivíduo, dando assim subsídios para inferir conclusões sobre "normas de grupo".

Também por volta de 1930, chega aos E.E.U.U. emigrado da Alemanha nazista o psicólogo da escola de Berlin, Kurt Lewin, que deu aos grupos uma perspectiva dinâmica. Utilizando os princípios da Psicologia da Forma no estudo da personalidade humana e na dos grupos, dá-lhes um caráter dinâmico e propicia o surgimento de uma psicologia social experimental através de modelos matemáticos. A partir de 1938 Lewin se dedica a estender aos grupos pequenos a noção de campo dinâmico (da Física), aplicando-lhes o método experimental por ele concebido. Reune de forma artificial grupos de crianças durante um período bastante prolongado. Ao desenvolver nesses grupos atividades lúdicas, introduz variáveis na situação, estudando seus efeitos. Esse tipo de experiências, sistematizados

também por Lippitt e Whyte em 1939 e propiciados pela criação de 5 clubes para crianças em idade escolar, redundou na formação de três climas sociais: o autoritário, o democrático e o "laissez-faire". Esses climas grupais, dependendo do estilo de autoridade, por terem sido desenvolvidos no começo da Segunda Guerra Mundial, tornaram-se célebres rapidamente.

É fácil pensar no valor das experiências de Lewin num clima como o da Segunda Guerra Mundial, onde se defrontavam justamente o nazismo autocrático e a democracia. Assim, a dinâmica dos grupos aparece - no sentido restrito a que Lewin lhe deu - como tentativa para dar uma resposta à dupla pergunta feita pelos defensores da democracia: - "Como pode produzir-se, do ponto de vista psicológico, um fenômeno coletivo como o nazismo?" e - "Como é possível prevenir psicologicamente tais fenômenos coletivos?".

Dessa forma, Anzieu (1971) mostra que as pesquisas de Lewin ilustram suas hipóteses: *"O grupo é um todo cujas propriedades são diferentes da soma das partes; o grupo e seu ambiente constituem um campo social dinâmico, cujos principais elementos são os sub-grupos, os membros, os canais de comunicação e as barreiras. Modificando um elemento privilegiado podemos modificar a estrutura do conjunto"**. *"A investigação das relações dinâmicas entre tais elementos e tais configurações do conjunto se converte, a partir daí, num tema dominante de Lewin e sua escola. As relações desco-*

* O grifo é nosso.

bertas no laboratório com grupos artificiais podem ser imediatamente estudadas na situação real, em oficinas, na escola e no bairro. O grupo pequeno se converte assim em um "laboratório de choque" que permite vencer as resistências às mudanças e provocar a evolução das estruturas em um campo social mais vasto, (fábrica, mercado de consumidores, opinião pública)" (p. 67).

1.2 Grupo de Encontro Básico

1.2.1 Origens

Logo após a morte de Lewin, baseado na idéia de que o treino das capacidades em relações humanas era uma importante aprendizagem na sociedade moderna, foi realizado o primeiro grupo de treinamento em relações humanas, chamado de "T-Group" (training-group), em Bethel, Maine, em 1947, pelos seus seguidores. Esses grupos foram desenvolvidos também no Massachusetts Institute of Technology e mais tarde na Universidade de Michigan.

Os grupos de verão em Bethel tornaram-se famosos. Formou-se uma organização, os "National Training Laboratories", (NTL), com escritórios em Washington, e que desde então e durante mais de duas décadas se tem constantemente desenvolvido. A primeira tentativa dos grupos "NTL" foi no campo industrial, atingindo administradores e diretores. Esta orientação foi a primeira a desenvolver-se porque a indústria podia suportar as despesas desta experiência de grupo para seu pessoal dirigente.

Inicialmente, os grupos adotaram como nome a designação de "T-Groups". Eram grupos de treino das capacidades das relações humanas, nos quais se ensinava os indivíduos a observar a natureza de suas interações recíprocas e do processo de grupo. A partir daí eles seriam mais capazes de compreender a sua própria maneira de funcionar num grupo e no trabalho, bem como o impacto que tinham sobre os outros, tornando-os mais competentes para lidar com situações interpessoais difíceis.

Nos "T-Groups" organizados pelos "NTL" para a indústria, e gradualmente para muitos campos de aplicação fora dela, verificou-se que os indivíduos tinham frequentemente experiências pessoais muito profundas de mudança através da relação de confiança e de interesse que se desenvolvia entre os participantes.*

Outra fase do movimento da experiência intensiva de grupo desenvolvia-se na mesma época na Universidade de Chicago. Em 1946 e 1947, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, Rogers e seus colaboradores no Counseling Center da Universidade de Chicago, estavam empenhados no treino de orientadores para a Administração de Veteranos de Guerra. Foi-lhes solicitado para criar um curso de treinamento, curto mas intensivo, que prepararia esses orientadores, todos professores em nível de graduação, pelo menos. O objetivo foi o de desenvolver as capacidades desses professores para orientar de forma eficaz os pracinhas regressados da guerra na solução de seus problemas. Foi constatado que nenhum treino intelectual os poderia

* O grifo é nosso.

preparar, e por isso foi tentada uma experiência de grupo intensiva na qual os participantes se reuniam durante várias horas por dia, a fim de compreenderem melhor a si próprios, de se tornarem conscientes das atitudes que poderiam ser causas de fracasso nas relações de aconselhamento, e de se relacionarem uns com os outros por formas que pudessem vir a ser de ajuda e que se pudessem transpor para o trabalho de aconselhamento. Era uma tentativa para ligar a aprendizagem experiencial com a cognitiva, num processo que tinha valor terapêutico para os indivíduos.

Tal treino forneceu muitas experiências profundas e significativas e foi tão bem sucedida que, desde então a equipe rogeriana continuou a usar o processo nos grupos de verão.

Dessa forma, os grupos de Chicago orientaram-se, fundamentalmente, para o crescimento pessoal, desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, em vez de serem estes os seus objetivos secundários. Tinham também uma orientação experiencial e terapêutica maior do que a dos grupos originados em Bethel. Através dos anos, esta orientação fundiu-se com o processo do treino das capacidades em relações humanas e ambas formam um conjunto que é o núcleo do movimento que se espalha hoje por todos os Estados Unidos.

"Os alicerces conceituais de todo esse movimento foram, portanto, de um lado, o pensamento lewiniano e a psicologia gestaltista e, de outro, a terapia centrada no cliente" (Rogers, 1972a, p. 15).

1.2.2 Definição

Consistem, habitualmente, num pequeno grupo de pessoas, facilitados por um profissional de Psicologia e num clima de liberdade de expressão, no qual cada participante é encorajado a deixar cair as suas defesas e relacionar-se mais aberta e diretamente com os outros.

A experiência fundamental do grupo consiste naquilo que Rogers chama de Encontro Básico, a relação imediata, de pessoa-a-pessoa.

A natureza desse método é a de que o grupo dispense muito mais de suas energias, - focalizadas no "aqui-e-agora", - nos sentimentos e percepções gerados pelo grupo e pelo seu processo, do que no conteúdo da discussão.

A sua duração varia entre 20 e 80 horas em períodos que vão desde um fim de semana até duas semanas, sempre em caráter intensivo, parando apenas para comer e descansar.

1.2.3 Objetivos

Os objetivos apontados por Rogers (1972a) para os grupos de encontro básico resumem-se *"em tornar os participantes mais espontâneos, mais intimamente empenhados nos seus sentimentos, abertos à experiência, e mais forte e expressivamente profundos nas relações interpessoais"* (p. 175).

1.2.4 Processo

Sem perder de vista a finalidade de conceituar, - em todos seus aspectos - os grupos de encontro básico, apresentamos a seguir o seu processo, esquematicamente e de forma descritiva.

Aliás, tal empreendimento não poderia ter outra forma. O próprio Rogers (1972a) assim o faz, dizendo que a descrição "naturalista" é bem mais significativa que qualquer análise. Justificamos nossa atitude nesse sentido pela própria natureza de nosso trabalho, uma vez que ele não trata do processo em si. Levamos também em consideração ser a forma descritiva mais clara e resumida para nossos propósitos. Para maiores esclarecimentos citamos Jack e Lorraine Gibb que trabalharam bastante tempo numa análise de desenvolvimento da confiança como a teoria essencial do processo de grupo. Outros que contribuíram de modo significativo para a teoria do processo de grupo foram Chris Argyris, Kenneth Benne, Warren Bennis, Robert Blake, Dorwin Cartwright e Mathew Milles.*

Assim, uma abordagem fenomenológica nos permite distinguir no processo de um grupo de encontro básico, diferentes fases, apesar da sua ordem não ser sempre tão clara como é aqui des-

* Amostras do pensamento destes e outros podem encontrar-se nos seguintes livros: "T-Group Theory and Laboratory Method" edição organizada por Bradford, Gibb e Benne (N.Y. John Wiley, 1964); "The Planning of Change", ed. organizada por Bennis, Benne and Chin (N.Y. Holt, Rinehart and Winston, 1961); "Interpersonal Dynamics", ed. organizada por Bennis, Schein, Berlew e Steele (Homewood, III: The Dorsey Press, 1964).

crita. Nem mesmo é possível demarcar limites entre uma fase e outra, sendo que muitas das vezes há retornos às fases anteriores ou mesmo saltos adiante.

A primeira fase é a da hesitação. Ao iniciar-se a primeira sessão, comunica-se que o objetivo está nas pessoas do grupo e que não há regras pré-estabelecidas. Em seguida o silêncio. Há uma tendência para seguir-se um período inicial de confusão, de silêncio embaraçoso, de comunicação cerimoniosa e superficial, frustração e descontinuidade. Tudo isso pode ocorrer por falta de estruturação, de um tema ou de uma direção.

A segunda fase é da resistência à expressão pessoal, que se caracteriza pela resistência a aparecer como realmente se é, mostrando apenas seu eu exterior. No entanto, algumas pessoas começam a revelar atitudes bastante pessoais, o que provoca uma reação ambígua entre os membros do grupo; é o conflito entre querer dizer algo mais profundo e não ter confiança no grupo.

A terceira fase é da descrição dos sentimentos passados. Apesar do que foi descrito acima, a manifestação de sentimentos começa a despontar; mas são sentimentos situados no passado, fora da situação presente no grupo, chamados de sentimentos "então-e-ali".

O primeiro tipo de sentimentos presentes no grupo, manifestados no "aqui-e-agora" advém de atitudes negativas, sendo por isso a fase da expressão dos sentimentos negativos, que são dirigidos tanto para os outros membros como para o facilitador, que é

constantemente atacado por sua não interferência. Outro tipo de sentimentos surgidos nessa fase são os de crítica e irritabilidade para com os membros do grupo.

A quinta fase se caracteriza pela expressão e exploração de material com significado pessoal, uma vez que já foi iniciado um certo clima de confiança no grupo, pois seus membros verificam que as atitudes negativas surgidas, ou foram aceitas ou não trouxeram nenhum resultado catastrófico, portanto foram assimilados. Assim, alguns membros começam a se arriscar e deixar que o grupo conheça alguma de suas facetas mais íntimas. O que se segue geralmente é a aceitação por uns e a rejeição por outros do expositor. Mas a aceitação encoraja o prosseguimento e predispõe para o risco de seguir nesse tom mais íntimo.

A sexta fase, expressão de sentimentos interpessoais imediatos no grupo, é a continuação da fase anterior com expressão clara dos sentimentos experienciados no momento mesmo em que surgem. Por vezes são positivos e outras negativos, mas agora num clima de confiança crescente.

A sétima fase é a do desenvolvimento de capacidades terapêuticas no grupo, considerada por Rogers (1972a) "*como um dos mais fascinantes aspectos de qualquer experiência intensiva de grupo*" (p. 34), e que se manifesta em alguns membros, de forma natural e espontânea. É interessante notar-se que Hobbs, já em 1951, dedicou todo um item sobre "os membros do grupo como terapeutas", mostrando já naquela data ter sido observado esse aspecto das atividades de grupo.

A oitava se caracteriza pela aceitação de si mesmo e começo da mudança, onde, tal como em psicoterapia, à medida que o indivíduo começa a aceitar-se, põe-se em contato com seus sentimentos, organiza-os menos rigidamente e sente-se mais disposto a mudar.

A nona fase é chamada de estalar das fachadas, pois à partir daí o grupo já não suporta mais que alguém se esconda atrás de máscaras ou fachadas; as palavras educadas, a compreensão intelectual dos outros, etc., são insuficientes. O grupo já percebeu, por um ou outro de seus membros, que é possível um encontro mais "básico"; então ele se esforça intuitivamente por chegar a esse objetivo. De bons ou maus modos, o grupo exige que cada um seja ele mesmo, sem esconder seus sentimentos, sem máscara.

Na décima fase, os indivíduos são objeto de reação - "feedback" - por parte dos outros membros do grupo, proporcionando-lhes adquirir rapidamente uma série de dados sobre o modo de como são vistos pelos outros. É através desse tipo de reação que a pessoa apreende o que significa dar e receber apoio emocional e compreensão, de uma forma nova e amadurecida.

As vezes dá-se um fenômeno que não pode ser descrito apenas como "feedback": pode ocorrer que um indivíduo do grupo afronta o outro, medindo-se diretamente com ele; esses afrontamentos as vezes dão resultados positivos; mas, na maioria das vezes os efeitos são negativos.

Ocorre também com muita frequência, o surgimento de relações de ajuda fora das sessões de grupo, entre os seus membros.

A penúltima fase evidencia-se com o fenômeno do encontro básico, no qual é nítido o contato mais íntimo e direto entre os participantes do grupo, bem diverso daquele que é frequente na vida diária de cada um; são relações do tipo "Eu-Tu" buberiano, e que geralmente comovem profundamente os participantes.

A décima segunda e última fase é a expressão de sentimentos positivos e de intimidade, uma fase inevitável no processo de grupo quando os sentimentos são realmente comunicados tal como são experienciados, sem defesas. À medida que tais expressões são aceitas numa relação, resultam em intimidade e sentimentos positivos.

Assim, com a continuação das sessões, estabelece-se uma sensação crescente de calor humano e confiança no grupo. A partir dessa fase podem ser observadas mudanças e alterações no grupo que se expressam nos gestos, no tom de voz, na crescente franqueza e autenticidade, na maior espontaneidade.

Esses são os principais aspectos do grupo de encontro básico, aqui expressos de forma rápida, esquemática e descritiva, e que tem seu apoio teórico na Teoria das Relações Interpessoais, cujo teor pode ser encontrado no item 2.2 no segundo capítulo desse trabalho.

1.2.5 Resultados

Rogers (1972a) ao falar sobre os efeitos dos grupos de encontro básico nos seus participantes, cita Gibb para mostrar que *"ocorrem mudanças na sensibilidade, na capacidade de dirigir os sentimentos, na direção das motivações, nas atitudes para com os outros e sua interdependência"* (p. 126).

Bebout e Gordon (21), no entanto, afirmam que apesar dos resultados citados por Gibb serem na sua maioria positivos, *"grande parte dos resultados se restringem a estudos circunscritos a um ou duas variáveis específicas"* (p. 84) e que nenhum estudo de âmbito mais amplo tinha sido realizado até então; isso os lançou a um estudo que, iniciado em 1969 só foi concluído em 1974, e cujos resultados não foram ainda totalmente publicados. Mas, adiantam na publicação citada, a apresentação de *"evidências do impacto hostilístico da experiência de grupo em termos de percepção de si-mesmo, valores e relacionamento"* (p. 85).

Esses estudos parecem confirmar Rogers, pois em sua obra Grupos de Encontro (1972a), mostra sempre a mesma tônica no que diz respeito aos efeitos desses grupos sobre seus participantes: mudanças na percepção de si-mesmo, na percepção dos outros, no aumento da auto-confiança, da congruência, da abertura à experiência e na melhora sensível do relacionamento.

1.3 Grupos de Encontro Básico Extensivo

Pretende-se que o grupo extensivo seja igual ao intensivo, tanto no processo como nos objetivos, ampliando esses últimos no sentido de se conseguir resultados mais efetivos na área intrapessoal dos componentes do grupo, através de uma maior duração.

Assim, enquanto os grupos intensivos tem no máximo em torno de 60 horas, o extensivo varia entre 60 e 150 horas, distribuídas em duas sessões semanais de uma ou duas horas de duração cada.

1.4 Percepção de "Si-mesmo"

Sendo essa uma noção central de nosso trabalho, estender-nos-emos um pouco mais, a fim de expor claramente essa abstração.

O "si-mesmo" que aqui é empregado é uma tentativa de tradução da palavra "self", utilizada não só por Rogers, como por outros teóricos da conduta, no sentido de denominar um agente psíquico que regula, guia e controla o comportamento.

As idéias de um agente psíquico interno para explicar as causas do comportamento humano não são novas. Uma das mais pitorescas admitia um "homúnculo interno", que dirigia nosso comportamento. Outra, uma das mais persistentes e populares por suas características religiosas, foi a da existência, no ser humano, de uma alma.

Com o advento da psicologia científica, a idéia de alma ou de qualquer outro agente psíquico, como mente, vontade, "ego" ou mesmo "self", vem sendo rejeitada.

Nos últimos anos, porém, tem havido um ressurgimento do interesse por parte dos psicólogos, pelo conceito de "self". Tal fato teve início com William James, em seu famoso capítulo sobre o "self" no livro "Principles of Psychology (1890, cap. X), preparando o cenário das teorias contemporâneas. Muito do que se tem escrito hoje em dia sobre o "self", em seu sentido mais geral, deriva direta ou indiretamente dele.

Deve-se observar, no entanto, que nenhuma das teorias modernas sobre o "self" sustenta que haja um "homúnculo interno" que regule a ação humana, muito menos uma alma. Muito pelo contrário. Referem-se ao objeto do processo psicológico ou aos processos em si, ou a ambos, entendidos como sendo governados pelo princípio da causalidade. Em outras palavras, o "self" não se constitui em um conceito metafísico ou religioso: acreditamos tratar-se de um conceito que cai no domínio da psicologia científica. Hall e Lindzey (1969) afirmam que *"a teoria do "self" representa uma séria tentativa de tomar conhecimento de certos fenômenos e conceitualizar a observação pessoal de certos aspectos do comportamento. Ao referir-se ao "self" como um agente, o teórico não pretende senão dar um nome para designar um grupo de processos"* (p.510).

1.4.1 Os seus dois significados

Segundo Hall e Lindzey (1969) o termo "self" veio a ter dois significados distintos. Por um lado, significa as atitudes e sentimentos da pessoa acerca de si mesma e, por outro, é considerado como um grupo de processos psicológicos que governam o comportamento e seu ajustamento. O primeiro se refere ao "self-como-objeto", pois indica as atitudes, sentimentos, as percepções e a avaliação que a pessoa tem de si mesma. O segundo significado é o "self-como-processo". O "self" é um agente, no sentido em que reúne um grupo de processos ativos como pensar, lembrar, perceber. Apesar de serem tão distintas, essas duas concepções são consideradas por Rogers como um só processo, que se dá concomitantemente. A sua separação aqui é puramente ilustrativa.

1.4.2 A sua definição

Os termos "percepção de si-mesmo", segundo Rogers e Kinget (1967) *"servem para designar a configuração experiencial composta de percepções que se referem ao "si-mesmo", às relações do "si-mesmo" com os outros, com o meio e com a vida em geral, assim como os valores que o sujeito atribui a estas diferentes percepções"* (p. 296).

Esta configuração apresenta duas características importantes: a) ela não é considerada como estática, está em constante fluxo. Dito de outra forma, está em constante mudança, sempre organizada e coerente; e b) essa configuração experiencial está disponível à consciência, mesmo que não seja necessariamente cons-

ciente.

Resta acrescentar que o "si-mesmo", como conceito nuclear da personalidade constitui-se em um dos três componentes conceituais da teoria rogeriana, ou seja, I) o "organismo" que é o indivíduo total; II) o "campo fenomenológico" que é a totalidade da experiência; e III) o "si-mesmo" que é uma parte indiferenciada do campo fenomenológico.

Apresenta ainda as seguintes propriedades: 1) estabelece interação do organismo com o meio; 2) pode introjetar valores dos outros e percebê-los de forma distorcida; 3) procura lograr consistência; 4) o organismo reage de maneira condizente com o "si-mesmo"; 5) experiências não condizentes com o "si-mesmo" são percebidas como ameaçadoras; 6) o "si-mesmo" pode mudar, como resultado da maturidade e da aprendizagem, através do relacionamento com os outros.

1.5 O que medir

Com o que já foi dito até agora, fica mais claro entender que nossa pretensão nesse experimento foi medir a auto-percepção dos participantes de um grupo de encontro básico extensivo, constituído por doze estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O objetivo do grupo foi experienciar, em termos de estágio, as vivências de um grupo de encontro básico, no que diz respeito ao desenvolvimento de suas capacidades de auto-percepção, percepção dos outros, de comunicação e relacionamento.

Mas, percebe-se que algo não ficaria muito claro ao leitor, uma vez que poderia parecer estarmos engajados num empreendimento impossível: medir, através de um experimento de caráter objetivo, algo de caráter tão subjetivo. Em outras palavras, poderia parecer que propôs-se medir algo como "Introspecção". E, assim sendo, resolvemos descrever aqui o que sucedeu à equipe rogeriana nesse sentido, pois tal fato é esclarecedor por si só: - Há algum tempo atrás, na época em que Rogers ainda não estava interessado na conceituação teórica, ele achava que noções como "si-mesmo" eram desprovidas de valor científico e que representavam apenas vestígios de uma psicologia introspectiva. Custou, por isso, a se dar conta de que quando o indivíduo tem ocasião de expressar livremente seus problemas, valores e atitudes, manifesta uma tendência a falar em função de si mesmo. Como prova dessa tendência, Rogers mostra alguns exemplos, tais como: "sinto que não sou eu"; "no fundo, qual é realmente meu verdadeiro eu?"; "... se os outros conhecessem meu verdadeiro eu"; "nunca tenho ocasião de ser eu mesmo"; e assim por diante. Rogers nos diz que não reconheceu logo que essas expressões revelavam claramente que o "eu" é um elemento central da experiência subjetiva dos indivíduos, e que, de certa forma, seus clientes pareciam não ter outra finalidade do que converter-se em seu "verdadeiro eu".

Assim, a primeira investigação relacionada com o "si-mesmo" foi levada a cabo por sua equipe e dirigida por Victor Raimy, ("The self-concept as a factor in counseling and personality organization" - tese de doutoramento na Ohio State University em

1943). Nessa ocasião conseguiu-se uma definição profunda e cuidadosamente estabelecida da noção do "si-mesmo". Nessa época, no entanto, não dispunham de instrumentos capazes de definir essa noção em termos operacionais. Mas serviu para mostrar que era possível abordar o problema, medindo, não o "si-mesmo", mas as atitudes do sujeito em relação ao "si-mesmo". Com a finalidade de descobrir essas atitudes, Raimy e a equipe de Rogers analisaram um certo número de entrevistas gravadas, classificando todo o material, - palavras e frases auto-referentes - em uma série de categorias. Calculou-se a constância das categorias assim estabelecidas. Essa série de categorias constituía-se, portanto, em um instrumento que podia servir para fins de investigação. Raimy o aplicou a um certo número de casos terapêuticos gravados e transcritos, descobrindo que, a noção de "si-mesmo" se modifica sensivelmente durante a terapia.

Em seguida nos mostra Rogers que, à medida que essa noção começou a ocupar o centro de seus interesses, a observação clínica veio subsidiar ainda mais a natureza deste "si-mesmo". E assim, o exame detalhado de diversos fenômenos, observados e investigados, mostrou que o "si-mesmo" é mensurável.

Um pouco mais tarde, a introdução da técnica-Q na metodologia da investigação psicológica por William Stephenson, (1953) permitiu a operacionalização da noção de "si-mesmo". O estudo do auto-conceito associado à técnica do "Q-sort" foi o instrumento capaz de comprovar diversas hipóteses relativas ao "si-mesmo" nas pesquisas levadas a efeito pela equipe de Rogers.

Outro ponto importante nas investigações de Rogers (1967) foi a forma de encarar a noção do "si-mesmo": a definição só inclui dados conscientes, pois do contrário não seria muito útil do ponto de vista científico. *"Os dados inconscientes - não se prestam a uma definição operacional. Assim nos parece mais útil conceber o "si-mesmo" como uma estrutura de experiências disponíveis à consciência"* (p. 201).

Essa forma de conceber o "si-mesmo", abriu caminho para um forte movimento de investigações científicas.

Como se vê, a experiência de Rogers e sua equipe pode servir de guia, permitindo uma decisão no sentido de que a auto percepção pode ser medida objetivamente. Dessa forma, acreditou-se na certeza da escolha feita: avaliar as mudanças da percepção de "si-mesmo" num grupo de pessoas que passou pelas vivências de um "grupo de encontro básico extensivo".

Como pode ser visto em a e 6 do item 1.4.2, admitiu-se a estrutura do "si-mesmo" como fluente, mutável através de reorganizações constantes. Tal fato levou a inferência de que todos os indivíduos do experimento sofreriam mudanças através do tempo, com ou sem experiências de grupo.

Assim sendo, resolveu-se introduzir um grupo de controle e medir, numa primeira etapa, a diferença de percepções de "si-mesmo" em dois grupos: um experimental e outro de controle.

A suposição foi a de que encontrar-se-iam diferenças significativas nas mudanças da percepção de "si-mesmo". Comprova-

da a suposição inicial, tentar-se-ia detectar que tipo de efeitos ou mudanças mais representativas se fariam notar nessas pessoas.

Num terceiro e último estágio, tentar-se-ia uma comparação dos nossos resultados com aqueles encontrados nas investigações levadas a efeito por Rogers e suas equipes. Se forem semelhantes, haverá nesse trabalho um ponto de partida para a realização de futuras investigações, ligadas a estudos de grupos extensivos.

Esse último aspecto mostra que a natureza desse trabalho pretende ter apenas um caráter de estudo exploratório.

Dessa forma passamos a concretizar o experimento, procurando em primeiro lugar, dar forma às suposições.

1.6 Hipóteses

Na presente investigação a estrutura básica é o conceito de "si-mesmo", (self), o "si-mesmo" como objeto percebido no campo fenomênico.

Assim sendo, foram propostas três hipóteses interrelacionadas e diretamente ligadas ao conceito de "si-mesmo", cujo teor é aqui repetido para tornar homogêneo e seqüencial o curso do pensamento. Ele é considerado por Rogers (1969) como *"uma configuração organizada de percepções do "si-mesmo", admissível para a consciência. É integrado por elementos tais como as percepções das próprias características e capacidades; os preceitos e conceitos de si mesmo em relação com os demais e com o ambiente; as qualida-*

des que são percebidas e se associam com experiências e objetos; e os objetivos e ideais que são percebidos com valências positivas ou negativas" (p. 127).

Portanto, Rogers considera o "si-mesmo" como um campo fenomenal, organizado e composto por configurações de percepções. Isso permitiu - com relação ao grupo citado, supor que, havendo mudanças em algumas dessas percepções, ou mesmo em uma só, toda a configuração se reorganiza e reestrutura. Tal dedução é confirmada por Snygg e Combs (1949) pois comprovam que "o conceito que a pessoa tem de si mesma e de suas capacidades, determina o que faz e a maneira de comportar-se" (p.78/96). Ora, se num grupo de encontro básico, o que mais acontece, como pode ser visto na descrição de seu processo - é a ocorrência de "feedbacks" adequados, é de se esperar mudanças na percepção que os componentes do grupo tem de si mesmos.

Daí foram derivados os dados para a primeira hipótese:

Num grupo de encontro básico extensivo, há mudanças na percepção de "si-mesmo".

Por outro lado, como pode ser visto na parte teórica, a mudança no "si-mesmo" fenomenal pode ocorrer, com maior ou menor rapidez, na situação em que o indivíduo é aceito, mais ou menos inteiramente, pelo grupo do qual participa. Daí derivou-se a segunda hipótese:

Num grupo de encontro básico extensivo, haverá um aumento da quantidade e proporção de auto-

referências e atitudes positivas em relação ao "si-mesmo", assim como uma diminuição da quantidade e proporção de auto-referências e atitudes negativas em relação ao "si-mesmo".

Finalmente, faltava saber algo a respeito das mudanças da auto-percepção, razão que delineou a necessidade de confirmar a presença ou não de algumas consequências apontadas por Rogers e já citadas anteriormente, o que derivou a terceira hipótese:

Os sujeitos do grupo de encontro básico extensivo perceber-se-ão:

- menos defensivos e mais abertos à experiência;

- mais congruentes;

- tendo melhor relacionamento;

após a realização da atividade.

1.6.1 Categorias utilizadas nas Hipóteses

1a. Categoria: Abertura à Experiência

Definição e Conceituação

Essa categoria se caracteriza por um "continuum" teórico entre dois polos: de um lado a "atitude defensiva" e do outro a "abertura à experiência".

"Atitude defensiva é a resposta do organismo a experiências que foram aprendidas ou antecipadas como ameaçadoras, como incongruentes com a imagem que o indivíduo faz de si-mesmo ou

de si-mesmo em relação com o mundo. Essas experiências ameaçadas são temporariamente tornadas inofensivas, ao serem deformadas ou negadas pela consciência" (Rogers, 1970a).

A "abertura à experiência" é um estado que "permite a todo estímulo, seja ele de origem externa ou interna, entrar livremente no organismo sem ser deformado pela ação de mecanismos de defesa" (Rogers, 1967, p. 325).

Assim o indivíduo vivenciaria sua reação a todo estímulo. "Todos os dados da experiência teriam livre acesso à consciência (ou percepção) - sejam eles provenientes da estimulação de nervos sensoriais por configurações de massa, de sons ou cores procedentes do meio exterior ou provenientes do meio interior tais como experiências passadas, sensações de medo, prazer, asco, ou qualquer outra modalidade de percepção" (Rogers, 1967, p. 325).

Isto não quer dizer que o indivíduo tenha presente, em um dado momento, todos os processos que nele se passam. Seus sentimentos podem ser vividos subjetivamente sem ser claramente reflexivos e também podem ser vividos objetivamente com representações conscientes. O que importa não é o grau de consciência e reflexão, mas sim a ausência de barreiras, inibições, que são capazes de impedir a percepção completa.

2a. Categoria: Congruência

Definição e Conceituação

Essa categoria também se caracteriza por um "continuum" teórico entre dois polos: de um lado a "incongruência" e do outro a

"congruência".

Esses dois termos podem ser definidos em uma abordagem lewiniana - de nível de aspiração e nível de realização: Quanto maior for a diferença entre os dois níveis, maior a incongruência; e quanto menor essa diferença, maior a congruência.

A incongruência também pode ser considerada em termos de ambiguidade e insegurança, pois Rogers diz que o comportamento neurótico é uma manifestação do estado de incongruência: tal comportamento ora se conforma às exigências do "si-mesmo", ora às solicitações do organismo (Rogers, 1970a).

O termo congruência foi introduzido por Rogers (1970a), para indicar uma correspondência mais adequada entre a experiência, a consciência e a comunicação. Para exemplificar tal estado, nada melhor que citar o comportamento das crianças, principalmente as de pouca idade, pela sua maneira transparente de reagir e se comportar. Se uma criança manifesta afeição, zanga, contentamento ou medo, é facilmente observável que ela está sendo a sua experiência. Assim ela é congruente, verdadeira e integrada. Todo seu organismo age de maneira uniforme: ela experimenta a zanga visceralmente, tem consciência disso e a comunica plenamente, sem subterfúgios.

A incongruência por seu lado, apresenta dois aspectos importantes que devem aqui ser ventilados: o primeiro se caracteriza pela interposição de uma barreira entre a experiência e a consciência, não permitindo ao indivíduo perceber ou conscientizar o que se passa no seu íntimo, fazendo com que a comunicação não coïn

cida com sua experiência. O exemplo típico desse estado é o do participante de um grupo que se exalta, seu rosto se congestiona e seu tom de voz traduz irritação ao se dirigir a determinado membro do grupo. No entanto, quando um colega lhe diz para não se exaltar, ele responde surpreso que não está irritado nem exaltado, apenas expõe os fatos lógicos e mais nada. Parece evidente que esse indivíduo está exaltado a um nível fisiológico. Mas a experiência dessa irritação não é captada pela consciência. Conscientemente ele não está irritado, e por isso não comunica verbalmente sua irritação. Isso mostra uma incongruência entre a experiência e a consciência e entre a experiência e a comunicação. Esse tipo de incongruência é visível através do comportamento do indivíduo para as pessoas que o cercam.

Um outro gênero de incongruência se caracteriza pela interposição de uma barreira entre a consciência e a comunicação. Nesse caso o indivíduo tem consciência de sua experiência mas não a comunica da forma como a percebe. Um ótimo exemplo é o da dona de casa que, cansada e bocejante, se dirige às visitas que se levantam para sair e diz - "mas já? fiquem mais um pouco". Tem-se aí a incongruência entre a consciência e a comunicação, que habitualmente é chamada de falsidade ou duplicidade.

Do que ficou exposto acima, decorrem ainda algumas características importantes: se uma pessoa for verdadeiramente congruente, evidencia-se que toda sua comunicação far-se-á num contexto de percepções pessoais. Ela não dirá "Fulano é estúpido" ou

"Beltrano é hipócrita", mas sim: "Fulano me parece estúpido" e "Beltrano me dá uma sensação de hipocrisia". Isso mostra que tal indivíduo nunca usa a expressão de um fato como exterior. Ele apenas apreende que isso lhe surge daquela forma e não que aquilo é. Expressar-se-á sempre através de sentimentos, percepções e significações de um quadro referencial interior.

A recíproca, no entanto, não é verdadeira. Isto é, o fato da pessoa falar sempre num contexto de percepções pessoais não quer dizer que é congruente; ele pode ter aprendido a falar dessa forma e usar a comunicação como mecanismo de defesa.

3a. Categoria: Relacionamento

É a capacidade de comunicar-se com os outros por meio de idéias e ações.

Mas, é necessário esclarecer que não se trata de uma categoria separada das anteriores. É antes um resultado delas. Assim, se houver maior "abertura à experiência" e maior "congruência" ter-se-á um maior "relacionamento positivo"; se houver maior "defensividade" e maior "incongruência" tanto maior será o "relacionamento negativo".

Num relacionamento positivo a comunicação é considerada como satisfatória para as pessoas envolvidas, e no negativo, como insatisfatória.

Dessa forma é possível caracterizar a categoria "relacionamento" também por um "continuum" teórico entre dois polos: "relacionamento positivo" e "relacionamento negativo".

No entanto, sentiu-se a necessidade de acrescentar um outro ponto na escala do relacionamento: o desejo de relacionar-se, que se caracteriza pela vontade que a pessoa tem de um relacionamento diferente, mais afetivo, por não se satisfazer com o que tem. Acreditou-se que tal estado de ânimo fosse intermediário entre um relacionamento positivo e um negativo, pois a pessoa que nele se encontra, caracteriza-se por querer melhorar seu relacionamento e não se satisfaz com o que tem. Assim definiu-se mais um ponto do "continuum" teórico, um ponto intermediário, como "desejo de relacionamento".

Ao ser atingido esse ponto das pesquisas, sentiu-se a necessidade de fundamentar teoricamente, não só o que já foi exposto, mas também para maior clareza de toda a exposição, principalmente no que diz respeito à análise dos resultados encontrados.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Teoria da Terapia de Carl Rogers

Já na Introdução deixou-se entrever clara predileção por uma teoria determinada. Esse fato evidenciou-se no primeiro capítulo, quando foram apresentados os conceitos concernentes ao presente trabalho de pesquisa.

Chegada a ocasião de um aprofundamento, apresenta-se formalmente a teoria que serviu de guia para desenvolver o experimento levado a efeito.

Essa teoria, chamada de rogeriana, não é, na realidade, elaboração exclusiva de Carl Ramson Rogers. Embora ele tenha sido e ainda seja a mola mestra dessa concepção do homem, muitos cooperaram para tal. O que ele disse no prefácio de seu livro "Terapia Centrada no Cliente", pode ser estendido à grande parte de sua teoria: *"Este livro é o produto de muitas mentes e o resultado de muitas interações de grupo. Primeiramente e sobretudo, é o produto da equipe do "Counseling Center" da Universidade de Chicago: do trabalho realizado em Psicoterapia e na pesquisa psicoterapêutica"* (p. 13).

A teoria estendeu-se em várias direções, mas o ponto de partida, ao qual Rogers faz alusão na citação acima, é constituído pela teoria da psicoterapia. Também é a parte mais sólida -

mente estabelecida pela pesquisa experimental.

Os teóricos rogerianos foram aos poucos reunindo e organizando observações sobre o "organismo humano" e a dinâmica da personalidade, resultando daí a sua teoria da personalidade. Essas duas teorias, a da Psicoterapia e a da Personalidade, por sua vez, abriram caminho para um novo campo de pesquisas e formulações: o funcionamento ótimo da personalidade.

Rogers não tardou em verificar que as condições e características da relação terapêutica, em suas linhas gerais, eram igualmente válidas para as relações humanas em geral. Essa verificação levou à elaboração de uma teoria das relações interpessoais e relações humanas.

"Essa nova perspectiva" - diz Rogers (1973), permitiu que entrevíssemos, com clareza progressiva, serem nossas teorias suscetíveis de aplicação a todos os campos da atividade e experiência que envolvem relações humanas e mudança atual ou potencial da personalidade.

A figura a seguir resume com maior clareza o que acima expusemos:

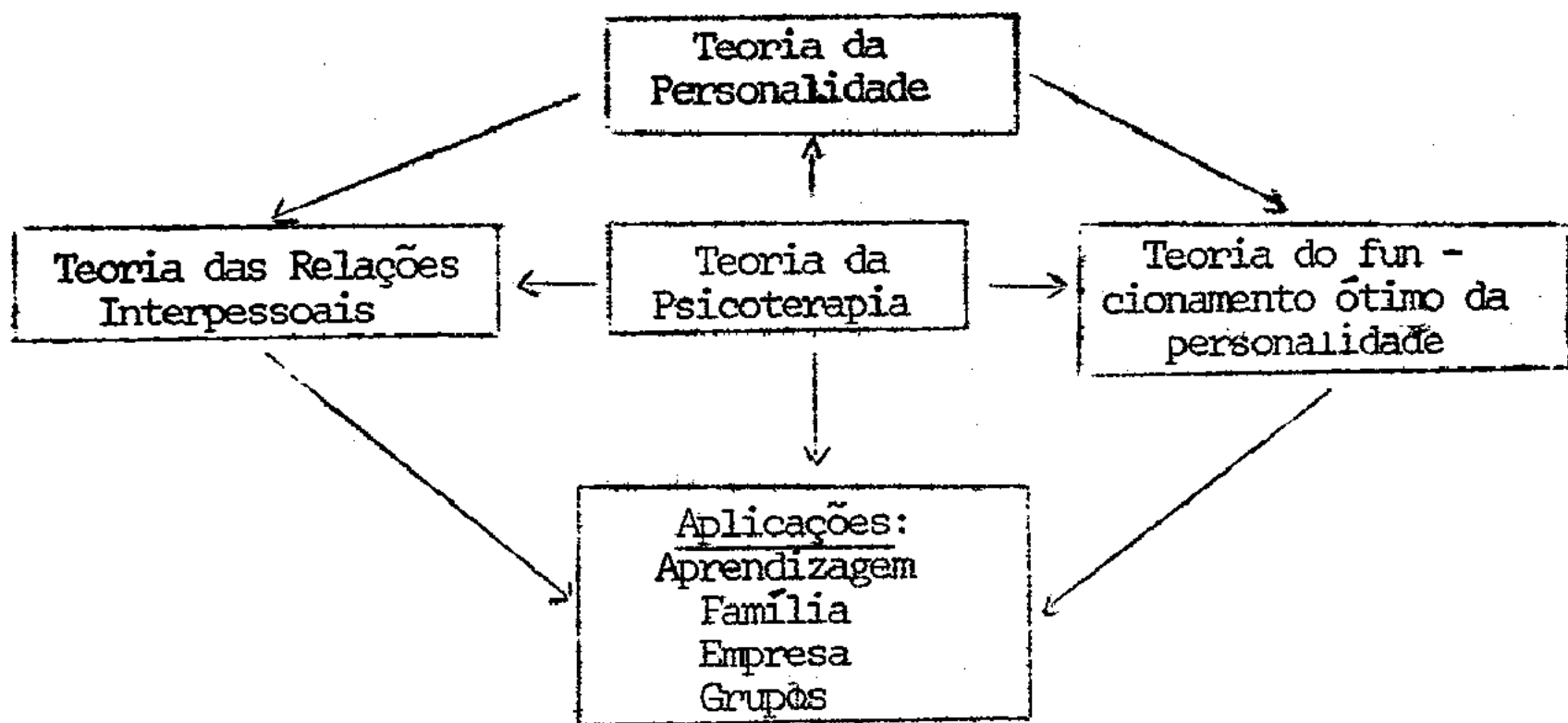


Fig. 1 - Derivação das teorias Rogerianas à partir da Teoria da Psicoterapia.

A intenção ao apresentar-se esse quadro, foi mostrar a unidade das teorias rogerianas, cujos princípios, conceitos e proposições na realidade não fazem parte de teorias diversas ou isoladas, mas de uma só estrutura teórica. Essa unidade é importante para as presentes explicações teóricas, uma vez que, ao serem usadas as proposições de uma teoria das relações interpessoais, se está, na realidade, utilizando as mesmas proposições teóricas de uma estrutura mais central e ampla, que é a Teoria da Psicoterapia Centrada no Cliente.

2.1.1 No contexto da Psicologia

Puente (1973) observa que a teoria rogeriana é fruto das influências de três grandes tendências norte-americanas: do freudismo clássico, do behaviorismo e do que Abraham H. Maslow cha

ma de terceira força e que é composta pelos dissidentes da psicanálise - Otto Rank e Karen Horney, Adler e Jung - assim como por Goldstein e sua psicologia organísmica, a psicologia da forma, do existencialismo de Kirkegard, Rollo May e Martin Buber e também das psicologias do "eu" (self-psychologies).

Hall e Lindzey (1969) observam também que Rogers se identifica com o método de psicoterapia que criou e desenvolveu, a "Terapia Centrada no Cliente", também chamada de não-diretiva, que ganhou popularidade entre os psicólogos clínicos norte-americanos, e porque se relaciona historicamente mais com a Psicologia do que com a Medicina.

Como vimos anteriormente, essa mesma psicoterapia serviu de base para a formulação da Teoria da Personalidade. As observações terapêuticas proporcionaram a Rogers um precioso material de investigação, de valor extraordinário para o estudo da personalidade.

A teoria de Rogers sobre a personalidade representa uma síntese da fenomenologia de Snygg e Combs, da teoria holística e da organísmica, como são vistas por Goldstein, Maslow e Angyal, da teoria interpessoal de Sullivan e da teoria do "self", pela qual o próprio Rogers é responsável, embora ele reconheça a contribuição de Raimy e Lecky.

Assim sendo, poderíamos situar Rogers entre os autores das "self-psychologies", distanciando-se tanto do behaviorismo como da psicanálise de Freud. Esforça-se por abordar a pessoa humana

em sua totalidade e considerá-la como pessoa e não como objeto. No seu entender, o behaviorismo renuncia tal empresa pois só estuda o comportamento exterior observável. Assim também o freudismo é considerado por ele, enquanto sistema, tal que não se aproxima das experiências individuais. Somente as interpreta, as julga do exterior através de um prisma pouco autêntico.

Existencialista em Psicologia, Rogers se afasta do ponto de vista freudiano por outra razão: esse sistema tem uma visão biológica e determinista do homem e não considera os aspectos sociais e conflitos pessoais, situando-se numa perspectiva que não é a dos recursos de que dispõe uma pessoa para reorganizar sua personalidade.

2.1.2 E sua Estrutura Básica

A fim de justificar teoricamente presente experimento, faz-se mister descrever a teoria que lhe serviu de base (Rogers, 1967).

Para começar é necessário salientar que essa teoria é do tipo condicional.

Enuncia-se sempre da forma: Se se dão certas condições (A), (variáveis independentes), nesse caso se dará um determinado processo (B), (variável dependente). Se esse processo (B) (convertido em variável independente) se produz, nesse caso dar-se-ão também certas modificações (C) no comportamento e na personalidade do indivíduo (variáveis dependentes).

Quanto à comprovação de tal teoria, pode-se afirmar que Rogers é um dos primeiros, senão o primeiro, a registrar literalmente - em filmes e fitas - as sessões clínicas, submetendo esse material (publicado em abundância) a toda sorte de estudos estatísticos e verificadores.

Também é uma das duas únicas teorias que apresenta o maior número de pesquisas, investigações, reformulações e conclusões com bases científicas. (A outra é a teoria comportamentista). Boa parte de suas hipóteses e afirmações foram largamente comprovadas e sustentadas através de investigações e método científico.

Não se pretende estender aqui as considerações. Como foi proposto inicialmente, apresenta-se apenas a teoria da psicoterapia de Rogers, sendo essas apenas algumas palavras introdutórias.

a) Os Postulados (Rogers, 1967)

(A) - Condições do Processo Terapêutico

- A1. Que duas pessoas estejam em contato.
- A2. Que a primeira pessoa, (cliente), esteja em estado de de sacordo interno, de vulnerabilidade ou de angústia.
- A3. Que a segunda pessoa, (terapeuta) esteja em estado de acordo interno, pelo menos durante a duração da entrevis ta e em relação com o cliente.
- A4. Que o terapeuta experimente sentimentos de consideração positiva e incondicional em relação ao cliente.
- A5. Que o terapeuta experimente uma compreensão empática do quadro de referência interno do cliente.

A6. Que o cliente perceba - mesmo que em grau mínimo - a presença de A4 e A5.

(B) O Processo da Terapia

- B1. O cliente se sente capaz de expressar seus sentimentos de modo verbal ou não verbal.
- B2. Os sentimentos que expressa se referem cada vez mais ao "si-mesmo", por oposição ao ambiente.
- B3. Torna-se cada vez mais capaz de distinguir os objetos de seus sentimentos e de suas percepções.
- B4. Os sentimentos que expressa se referem cada vez mais ao estado de desacordo que existe entre certos elementos de sua experiência e sua noção de "si-mesmo".
- B5. Chega a sentir conscientemente a ameaça que leva consigo esse estado de desacordo interno.
- a) A experiência de ameaça torna-se possível graças à consideração positiva incondicional que o terapeuta não cessa de lhe demonstrar, sem que esse se importe que o cliente dê provas de acôrdo ou desacôrdo interno, de angústia ou de qualquer outro sentimento.
- B6. O cliente chega a experimentar plenamente, sentimentos que, até aquele momento havia deformado ou não confessado.
- B7. A imagem de "si-mesmo" muda até permitir a integração de elementos da experiência que haviam sido deformados ou não confessados.

B8. À medida que continua a reorganização da estrutura do "si-mesmo", o acôrdo entre a estrutura e a experiência aumenta constantemente. O "si-mesmo" torna-se capaz de assimilar elementos da experiência que, antes disso, eram demasiado ameaçadores para que a consciência os admitisse.

a) Corolário: à medida que o número de experiências ameaçadoras diminui, o número de deformações e bloqueios das experiências diminui também. A conduta se torna menos defensiva.

B9. O cliente torna-se cada vez mais capaz de sentir a consideração incondicional positiva que o terapeuta lhe oferece, sem sentir-se ameaçado por sua experiência.

B10. O cliente sente uma atitude de consideração positiva incondicional cada vez maior, com relação a "si-mesmo".

B11. O cliente vai descobrindo cada vez mais que o centro de valoração de sua experiência é ele mesmo.

B12. A valoração de sua experiência se faz cada vez menos condicional, dirigindo-se cada vez mais sobre a base dos dados orgânicos, isto é, das experiências vividas.

(C) - Efeitos da Terapia sobre a Personalidade e a Conduta

C1. O cliente evolui em direção a um estado de acôrdo interno mais completo. Estará mais aberto à sua experiência e será menos defensivo.

C2. Suas percepções são mais realistas, mais diferenciadas e mais objetivas.

- C3. Torna-se cada vez mais capaz de resolver seus problemas.
- C4. Seu funcionamento psíquico melhora e se desenvolve num sentido ótimo.
- a) Essa mudança é proveniente do que se produz na estrutura do "si-mesmo", descritos em B7 e B8.
- C5. Como consequência do aumento de acôrdo entre o "si-mesmo" e a experiência (C4), a vulnerabilidade à ameaças diminui.
- C6. Como consequência de C2, a percepção do "si-mesmo" ideal é mais realista e, portanto, mais realizável.
- C7. Como consequência das mudanças descritas em C4 e C5, o acôrdo entre o "si-mesmo" e o "si-mesmo" ideal aumenta.
- C8. Em consequência do acôrdo cada vez maior, entre o "si-mesmo" e o "si-mesmo" ideal, por um lado, e entre o "si-mesmo" e a experiência, por outro, produz-se uma diminuição geral do nível de tensão - tanto psicológica como fisiológica - e da tensão particular, difusa, chamada angústia.
- C9. A consideração positiva a respeito de "si-mesmo" aumenta.
- C10. O sujeito se percebe, cada vez mais, como centro de valoração.
- a) Como consequência de C9 e C10, o sujeito sente uma confiança cada vez maior a respeito de si mesmo e se sente cada vez mais capaz de dirigir sua vida.
- b) Como consequência de C1 e C10 seus valores se apoiam em um processo de valoração orgânica.
- C11. Como consequência de C1 e C2, percebe o mundo exterior e sobretudo seus semelhantes - de um modo mais realista e correto.

C12. Como sente cada vez menor necessidade de deformar suas experiências, em particular suas experiências relativas às demais pessoas, tendo para com elas uma tolerância e aceitação cada vez maiores.

C13. Sua conduta se modifica em vários sentidos:

- a) O número de condutas aceitas pelo "si-mesmo" aumenta.
- b) As condutas que antes não eram compatíveis com a imagem de "si-mesmo", e por isso inconfessáveis, diminuem em quantidade.
- c) O sujeito se percebe como mais apto para controlar e dirigir sua conduta.

C14. A valorização da conduta do sujeito pelos outros é mais favorável. É considerado mais maduro e sociável.

C15. Como consequência de C1, C2 e C3, o sujeito se revela como mais criativo, mais flexível, mais capaz de adaptar-se a condições novas, a novos problemas. Será um indivíduo que expressa mais plenamente suas metas e seus valores próprios.

b) Um Esquema (Rogers, 1967)

Essencialmente, o que a teoria afirma, é o seguinte:

Se se dá A, se dará também B e C. B e C representam fenômenos que podem ser medidos a partir de A.

Importa também notar que a teoria afirma:

Se se dá A, se dá B.

Se se dá A, se dá B e C.

Se se dá A, se dá C.

Se se dá B, se dá C.

Isso nos dá uma série de relações funcionais, que podem assim ser resumidas:

$$B = (f) A; \quad C = (f) A; \quad B + C = (f) A; \quad e \quad C = (f) B$$

Em outras palavras:

- Quanto mais se realizem as condições especificadas em A,
 - mais marcantes serão as características explicadas em B, e
 - mais marcantes e amplos serão os efeitos da terapia expostos em C.

Estas relações podem ainda ser assim generalizadas:

- Quanto mais angústia sinta o cliente,
- quanto mais o terapeuta consiga um estado de acôrdo interno,
- quanto mais sentimentos de empatia e consideração positiva incondicional o terapeuta tenha para com o paciente,
- quanto mais o cliente se dê conta da existência de tais sentimentos para com ele,
- mais profunda será a experiência terapêutica,
- mais importantes e numerosas serão as mudanças da personalidade e da conduta.

c) Definição dos Conceitos Utilizados (Rogers, 1967)

Abertura à experiência: Atitude oposta à da defesa.

Ameaça: Quando o indivíduo se dá mais ou menos conta do desacôrdo.

Angústia: Constitui a reação do "organismo" à subcepção do estado de desacôrdo.

Centro de valoração: Fonte de critérios aplicados pelo sujeito na valoração de sua experiência.

Conduta defensiva: Representa a ação do "organismo" à ameaça com finalidade de manter a estrutura do "si-mesmo".

Consciência: Representação de uma parte da experiência vivida.

Consideração positiva: Quando se percebe que se afeta o campo experiencial do outro positivamente, e vice-versa.

Consideração positiva incondicional: Se a experiência de outra pessoa é afetada num todo como digna, e vice-versa.

Consideração positiva de "si-mesmo": Sentimento de consideração que o próprio indivíduo experimenta em relação a certas experiências relativas ao "si-mesmo", independente - mente da consideração positiva que sintam outras pessoas ou que poderiam sentir.

Consideração positiva incondicional de "si-mesmo": Se dá quando o sujeito se percebe de tal modo que todas as experiên - cias relativas a "si-mesmo" são percebidas, sem exce - ção, como igualmente dignas de consideração positiva.

Contato: Quando duas pessoas estão em presença uma da outra e uma afeta o campo experiencial da outra.

Defesa: vide conduta defensiva.

Deformação: Falsificação ou negação do significado de uma experiência ameaçadora para que se ajuste à imagem do "si-mesmo".

Desacôrdo entre o "si-mesmo" e a experiência: (Incongruência) Desacôrdo entre a imagem do "si-mesmo" e a experiência real, vivida.

Empatia: Perceber o mundo subjetivo do outro como se fosse o outro.

Estado de acôrdo: (Congruência) Acôrdo entre o "si-mesmo" e a experiência.

Estrutura do "si-mesmo": Designação da configuração experiencial composta de percepções que se referem ao "si-mesmo", às relações do "si-mesmo" com os demais, com o meio e com a vida em geral, assim como os valores que o sujeito concede a estas diferentes percepções.

Experiência: Tudo o que se passa no "organismo" a qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência.

Experiência de "si-mesmo": Engloba todos os fatos e acontecimentos do campo fenomenológico que o indivíduo reconhece em relação com "si-mesmo".

Experimentar: Versão ativa da experiência (o mesmo que experimentar).

Experimentar um sentimento: Designa a significação pessoal de experiência com um tom afetivo ou emocional.

Eu: ("si-mesmo") ("self") Vide Estrutura do "si-mesmo".

Eu ideal: ("si-mesmo" ideal) conjunto de características que o sujeito gostaria de ter o direito de reclamar como descritivas dele mesmo.

Funcionamento ótimo: Acôrdo perfeito entre a imagem do eu e a experiência.

Idéia de "si-mesmo": Vide estrutura do "si-mesmo".

Interrupção da experiência: Vide deformação.

Mau funcionamento psíquico: Quando o "organismo" deforma ou intercepta elementos importantes da experiência.

Maturidade psíquica: Implica numa percepção diferenciada e realista.

Necessidade de consideração positiva: Existe em todo ser humano. É fundamental.

Necessidade de consideração positiva de "si-mesmo": Necessidade secundária e adquirida, ligada à necessidade de consideração pelos outros.

Perceber, Percepção: Hipótese que emerge na consciência como resposta à ação de estímulos que operam sobre o "organismo" e que pode ser comprovada.

Percepção discriminativa, diferenciada, realista: Quando o indivíduo situa suas percepções no contexto espaço-temporal dos fatos.

Processo de valoração orgânica: Quando a experiência é valorizada tendo em conta a tendência atualizante.

Quadro de referência externo: Fenômeno apreendido sem ser por via empírica.

Quadro de referência interno: Representa o mundo subjetivo do indivíduo.

Representação: Vide consciência.

Rigidez perceptual: Tendência a representar sua experiência em termos absolutos e incondicionais - noção que caracteriza o indivíduo defensivo.

Sentimento: Vide experimentar um sentimento.

"Si-mesmo": Vide Eu.

"Si-mesmo" ideal: Vide Eu Ideal.

Simbolização: Vide consciência.

Simbolização correta: Os símbolos de que se compõe a consciência correspondem à experiência real ou à realidade.

Subcepção: Discriminação de estímulos sem representação consciente, sem utilização dos centros nervosos superiores.

Tendência atualizante: Todo organismo é animado por uma tendência inerente a desenvolver toda sua potencialidade e desenvolvê-la de forma que fiquem favorecidos sua conservação e seu enriquecimento.

Tendência atualizante do "si-mesmo": Se expressa também no setor da experiência que corresponde à estrutura do "si-mesmo", que se desenvolve à medida que o organismo se desenvolve à medida que o organismo se diferencia.

Valoração condicional ou consideração seletiva: Quando o sujeito valoriza sua experiência em função dos critérios dos outros, em vez de valorizá-la em função de uma experiência realmente vivida, experimentada.

Vulnerabilidade: Designa o estado de desacôrdo entre a imagem do "si mesmo" e a experiência.

2.1.3 E suas implicações metodológicas

A teoria acima exposta foi formulada à partir de relações entre duas pessoas, ao passo que no presente experimento a situação envolveu as relações de treze pessoas (um facilitador e doze membros). Surge assim a necessidade de explicar, o que, a primeira vista poderia parecer uma inadequação metodológica.

Da mesma forma como Rogers propõe - ele não elabora uma teoria de grupo; simplesmente se limita a aplicar sua "Teoria da Terapia" (entre duas pessoas: cliente e terapeuta), à situação de grupo - nós também nos propomos a usá-la. Porém, diversas considerações devem ser levadas em conta.

Em primeiro lugar, observe-se como ele encara esse "salto" metodológico, através da explicação que Miguel de la Puente dá em seu livro, (1973), cujo teor, - tese de seu doutoramento - é uma das mais completas análises da obra de Rogers feita até hoje: *"Pode-se aplicar a terapia centrada no cliente aos demais setores da vida humana que envolvam uma relação interpessoal e que tenham por objetivo a mudança ou o desenvolvimento da personalidade. No entanto, é evidente que, à medida que nos afastamos da teoria da terapia para suas aplicações, aumenta a possibilidade de erro, pois toda teoria merece o maior respeito enquanto se mantém ao nível da qual a que se propôs; e respeito cada vez menor à medida que enunciavam previsões em setores cada vez mais distantes de sua origem"* (p. 228).

Assim, Rogers parece que se dá conta do salto metodológico que está a dar, e propõe uma teoria das relações interpessoais, deduzida da teoria da terapia, distinguindo claramente entre a teoria das relações interpessoais de somente duas pessoas e a teoria das relações interpessoais de mais de duas pessoas, em grupo.

Em segundo lugar, a teoria das relações interpessoais não é considerada por Rogers (1967) como definitiva, mas "se encontra em vias de elaboração, mais do que as outras partes de nosso sistema. Seu fundamento não é todavia experimental, pois só o é parcialmente. É, pois, essencialmente uma teoria deduzida da teoria da terapia e que projeta, num terreno novo, uma série de hipóteses que podem ser confirmadas ou não" (p. 272).

Dessa forma, o presente trabalho de pesquisa assumiu um caráter de "mais um elemento de comprovação ou não" da teoria ora em uso.

Em terceiro lugar, é preciso levar em conta os princípios fundamentais de uma psicologia social proposta por ele, sobre o processo individual psicológico de uma pessoa em conflito com outras pessoas, e resumido por Puente (1973):

a - a pessoa que nega algumas de suas experiências tem que defender-se continuamente contra sua simbolização;

b - por conseguinte, vê todas suas experiências de forma defensiva, mais como possíveis ameaças do que como elas realmente são;

c - por isso, nas suas relações interpessoais, tal pessoa sentirá e perceberá como ameaças as palavras e o comportamento dos outros, mesmo que expressados sem essa intenção;

d - também atacará as palavras e o comportamento das outras pessoas, porque tudo representa para ela experiências que lhe causam medo;

e - em consequência, não verá os outros como pessoas separadas, pois as percebe principalmente como ameaça ou não ameaça ao "eu";

f - mas, se todas essas experiências estiverem disponíveis à sua consciência e integradas em seu "eu", será insignificante sua atitude defensiva; e quando não há necessidade de defender-se, não haverá necessidade de atacar;

g - sem necessidade de atacar, percebe os outros como eles realmente são, como pessoas separadas, que funcionam segundo sua própria maneira de julgar, baseadas em seu próprio campo perceptual (p. 227).

Em resumo, pode-se dizer que a aceitação de "si-mesmo" como pessoa separada, leva consigo a aceitação dos demais como pessoa separada.

É, portanto, dessa forma que Rogers vê a base teórica das relações interpessoais e intergrupais.

Pelo que foi dito acima, dois fatos se evidenciam: primeiro, de que as duas teorias (a básica e a deduzida) tem que ser levadas em conta; em consequência disso torna-se óbvia a necessidade de enunciar a teoria deduzida. Dessa forma, segue a elucidação da teoria das relações interpessoais entre mais de duas pessoas.

2.2 A Teoria das Relações Interpessoais

"A teoria das relações interpessoais (de somente duas pessoas) é a aplicação simplificada da situação terapêutica: o te-

rapeuta e o cliente são substituídos por duas pessoas que se acham em uma situação de vida corrente" (Puente, 1973, p. 232).

Para o presente caso em particular, a substituição foi feita em termos de membros do grupo que, supõe-se estariam na situação hipotética estabelecida na teoria.

Tal situação - uma vez levados em consideração os princípios fundamentais enunciados na página 57 - dar-se-ia, resumidamente, da forma abaixo:

Supondo, (a) um mínimo de boa vontade da parte de duas pessoas para estabelecerem contato; (b) uma capacidade e um mínimo de boa vontade da parte de cada uma dessas pessoas para receber a comunicação da outra; e (c) supondo que o contato se mantém durante um certo período de tempo, pode admitir-se como verdadeira a relação hipotética seguinte:

Quanto maior for a congruência da experiência, da consciência e da comunicação por parte de um indivíduo, mais a relação originada implicará:

- numa tendência para a comunicação recíproca, caracterizada por uma crescente congruência;
- numa tendência para uma compreensão mútua mais adequada da comunicação;
- numa melhoria da adaptação psicológica e do funcionamento de ambas as partes;

- numa satisfação recíproca na relação;

Inversamente, quanto maior for a incongruência da experiência, da consciência e da comunicação, mais as relações assim originadas envolvem:

- comunicações posteriores com as mesmas características;
- desintegração da compreensão adequada;
- adaptação psicológica e funcionamento de ambas as partes menos adaptadas;
- insatisfação recíproca na relação.

A. Condições para o desenvolvimento de uma relação que se deteriora (Rogers, 1967, p. 264):

A comunicação e a relação entre duas pessoas se deterioram quando se dão as seguintes condições:

1. Um sujeito Y aceita entrar em contato e em comunicação com outro sujeito X. (Esse sujeito Y é "um indivíduo médio", e que portanto, apresenta um certo grau de "mau funcionamento", e é suscetível de desacórdio interno e de conduta defensiva).
2. O sujeito X deseja, ao menos em grau mínimo, entrar em contato e em comunicação com Y.
3. Em X há um estado de desacórdio interno - (incongruência) - claro entre os seguintes elementos:
 - a) Sua experiência do objeto de sua comunicação, sendo esse objeto a própria relação ou qualquer outra coisa.
 - b) Sua representação consciente desta experiência, em particular sua percepção das relações entre essa experiência e a imagem que

tem de "si-mesmo".

c) A expressão consciente - verbal ou não - desta experiência (isto é, a comunicação desta experiência para Y).

Considerações:

Quando o estado de desacôrdo interno assinalado em 3 se refere, por um lado, ao elemento (a), e por outro, aos elementos (b) e (c), podemos dizer que X não tem um comportamento adequado, ao menos em relação ao objeto em questão. No entanto, se o estado de desacôrdo se refere, por um lado, aos elementos (a) e (b), e por outro a (c), trata-se mais de uma ação simulada ou de um engano, e suas consequências imediatas seriam de ordem social. Finalmente, se houver desacôrdo completo entre (a), (b) e (c), isto é, entre a experiência, a consciência e a comunicação de X, tratar-se-á de um estado de dissociação ou desacôrdo psicológico completo.

B. O processo de uma relação negativa:

Quando se dão as condições que acabamos de expor, e, além disso elas se mantêm, começa um processo que tende a tomar as características e direções seguintes:

1. A comunicação proveniente de X é contraditória e/ou ambígua, no sentido de denotar ao mesmo tempo:

- a) Elementos - verbais e não verbais - que correspondem a representação que X faz do objeto de sua comunicação; e
- b) Elementos que correspondem a um setor da experiência que não está - ou não está corretamente - representado em sua consciência.

2. Y percebe (ao nível da experiência) as contradições e ambigüidades contidas na comunicação de X.

a) sua percepção tende a limitar-se a B1, (a); isto é, aos elementos manifestos da comunicação de X. (Vide considerações)*

b) Em consequência haverá um estado de desacôrdo que tende a estabelecer-se entre sua experiência e sua percepção da comunicação proveniente de X.

c) Fazendo com que sua reação para com X se torne igualmente con-traditória e/ou ambígua, já que adquiriu as características descritas acima em relação com X (B1, (a) e (b)).

3. Como X é vulnerável, tende a perceber as relações de Y como potencialmente ameaçadoras:

a) A partir desse momento, tende a deformar a sua percepção da reação de Y para fazê-la conforme a imagem que ele tem de "si-mesmo".

b) Em consequência, sua percepção do quadro de referência interno de Y é incorreta e não está nas melhores condições para sentir um grau elevado de empatia.

c) Pelo fato de perceber Y como potencialmente ameaçador, X é incapaz de experimentar um sentimento de consideração incondicional para com Y. (Assim as condições descritas na Teoria da Terapia, - A3, 4 e 5 - se encontram alteradas em X).

4. Y percebe que X não sente mais uma consideração positiva parcial ou seletiva para com ele.

5. Y percebe (ao nível da experiência) a falta de compreensão empática por parte de X.

6. Quanto mais Y sinta essa falta ou insuficiência de consideração positiva e de empatia:

- menos se sente em estado de expressar o que experimenta.
- menos capaz é de expressar sentimentos relativos ao "si-mesmo".
- menos diferenciada é a sua percepção.
- menos capaz é de reconhecer e de expressar o desacôrdo que existe entre os dados de sua experiência e a imagem que tem de "si - mesmo".
- menos capaz é de reorganizar essa imagem.

(Assim o processo de modificação da personalidade se altera. Vide B na Teoria da Terapia).

7. Como Y se expressa cada vez menos, X é cada vez menos capaz de perceber corretamente o quadro de referência interno de Y. Por isso, X percebe de um modo cada vez mais incorreto, deforma cada vez mais suas percepções e se comporta de modo cada vez mais defensivo.

8. No caso em que quase todos os sentimentos expressados por X sejam negativos, os elementos da experiência que não estão corretamente representados em sua consciência tendem, ao se manifestarem as defesas - a ser percebidos como existentes em Y. (Tal como um mecanismo de projeção).

9. Nesse caso, Y tende a sentir-se ameaçado também, na medida em que a situação o faz consciente do estado de desacôrdo que existe. À partir daí tende, por sua vez, a reagir de modo defensivo.

Considerações*

A condição assinalada em 2 (a) é uma condição "sine qua non". Se Y está suficientemente aberto à sua experiência, para perceber conscientemente os elementos da comunicação assinalados em B1, (b); então B2 (b) e (c) não se dão, e sua resposta a X concorda perfeitamente com sua experiência. Além disso, se Y, mesmo que se dê conta de tudo que X lhe comunica, é capaz de um sentimento de consideração positiva incondicional para com X, e então o processo em questão evolue na direção de uma relação positiva - (cfr D, E, e F, adiante) - o que não caberia dentro do presente caso.

C. Os efeitos de uma relação que se deteriora:

Se esse processo continua, dá origem às seguintes sequências:

1. X e Y se comportam de um modo cada vez mais defensivo.
2. A comunicação torna-se cada vez mais superficial, isto é, refere-se cada vez menos ao indivíduo total.
3. Por causa da intensificação das defesas, a percepção de "si-mesmo" e dos demais torna-se cada vez menos diferenciada, isto é, cada vez mais restrita e rígida.
4. Como consequência, o estado de desacôrdo que existe entre o "si-mesmo" e a experiência não muda ou se agrava.
5. Em certa medida, tanto X como Y, comportam-se pior.
6. A relação se deteriora, é negativa e é sentida assim por ambas as partes.

D. Condições para o desenvolvimento de uma relação que se dirige para uma melhora:

Para que a comunicação e as relações entre duas pessoas aumentem e melhorem, é necessário que:

1. Um sujeito Y' consinta entrar em contato e em comunicação com outro sujeito X'.
2. O sujeito Y' deseje entrar em contato e em comunicação com Y'.
3. Em X' existe um grau elevado de acôrdo (congruência) entre os seguintes três elementos:
 - a) Sua experiência do objeto da comunicação.
 - b) Sua representação consciente desta experiência, especialmente sua representação da relação entre essa experiência e a sua noção de "si-mesmo".
 - c) A expressão dessa experiência.

E. O processo de uma relação que melhora:

1. A comunicação de X' a Y' se caracteriza pelo estado de acôrdo que existe entre a experiência, a percepção e a manifestação da experiência.
2. Y' sente muito claramente a existência desse estado de acôrdo. Por isso sua reação tende a manifestar o estado de acôrdo que existe igualmente entre sua experiência e sua percepção.

3. Como X' está em um estado de acôrdo, não é vulnerável em relação ao objeto da comunicação. Está num estado de perceber a reação de Y' de um modo correto e diferenciado e de sentir uma compreensão empática do quadro de referência interno de Y'.

4. Como Y' se sente compreendido, experimenta uma certa satisfação de sua necessidade de consideração positiva.

5. X' percebe que afeta o quadro de referência interno de Y' de um modo positivo.

a) Por isso a consideração positiva de X' por Y' tende a ser recíproca e a aumentar.

b) Como X' não é vulnerável em relação ao objeto da comunicação, a consideração positiva que sente para com Y' tende a fazer-se incondicional.

6. Y' se sente comprometido com X' em uma relação que - pelo menos em relação ao objeto de sua comunicação - se caracteriza, em X', por um estado de acôrdo, de compreensão empática e de consideração positiva incondicional (cfr p.45, A3, 4 e 5).

a) Por isso, todas as características do processo da terapia (cfr. p. 46, de B1 a B12) se encontram realizadas, pelo menos no quadro da relação em questão.

b) Pelo fato de que a situação não exige de Y' que recorra às suas defesas, não exige também que deforme suas experiências.

c) Em consequência, percebe cada vez mais corretamente a comunicação de X'.

7. Portanto a comunicação de ambas se faz cada vez mais efetiva e se percebe de um modo mais correto. Se caracteriza cada vez mais por sentimentos de consideração positiva recíproca.

F. Efeitos de uma relação positiva

Se esse processo continua, constata-se que: Todos os efeitos da terapia (cfr. p. 47 de C1 a C15) podem se produzir nos limites do quadro de qualquer relação, sejam elas profissionais, educacionais, etc.. Levando em conta que esse tipo de relação exclue numerosas dimensões das pessoas em pauta, os efeitos também se restringem proporcionalmente. No quadro assim limitado, a relação tende a estabelecer um estado de acôrdo interno cada vez maior entre aquelas pessoas e a favorecer seu funcionamento psicológico.

2.2.1 Em pequenos grupos

Vejamos agora em que se diferencia o processo das relações interpessoais entre duas pessoas, do processo das relações interpessoais em pequenos grupos.

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que os pequenos grupos aqui mencionados são aqueles que foram conceituados nas páginas 8, 9 e 15, ou sejam, o pequeno grupo constituído naturalmente e o grupo de encontro básico, constituído artificialmente, em laboratório. Dentro desse aspecto, há somente uma diferença, mas que não se situa propriamente no processo: como vimos em A3 (p. 45) e em D3 (p. 64), uma das condições para que se dê partida ao processo de uma relação positiva é que haja uma pessoa com

um grau mais elevado de congruência no grupo. Isso ocorrerá no primeiro grupo citado com qualquer um de seus membros, que poderá ser uma pessoa neutra no grupo, que crie uma situação de compreensão e que entenda empaticamente o ponto de vista dos outros membros do grupo. No segundo grupo esse papel foi feito pelo facilitador, que atuou como catalizador que precipita a compreensão ulterior dos outros membros.

Uma vez esclarecido esse aspecto, é possível abordar as diferenças na comunicação interpessoal a dois e em grupos pequenos. Diz de La Puente (1973) que *"na mesma exposição em que Rogers trata da comunicação interpessoal, aborda indistintamente o problema da comunicação de somente duas pessoas e o problema da comunicação de várias pessoas em pequenos grupos"* (p. 239). Resumir-se-ia tal situação da forma: num grupo de encontro básico, o facilitador deve estar em estado de acordo ou congruência em seus contatos, em separado, com cada um dos membros; deve experimentar para com cada um deles separadamente, as condições gerais da terapia (cfr. A, p. 45 e D, p. 64). Consequentemente, produzir-se-á um processo de melhora a dois, no qual o conflito de cada uma das pessoas do grupo tenderá a uma redução. Citando um exemplo, tem-se T, X, U, Y e Z como pessoas em contato em tal situação; admitindo T como facilitador, pode-se dizer que o processo de melhora a dois se

daria como na figura dois. Assim, as comunicações de Y a X ou de Z a X, ou ainda de U a Z se tornariam menos defensivas e mais con

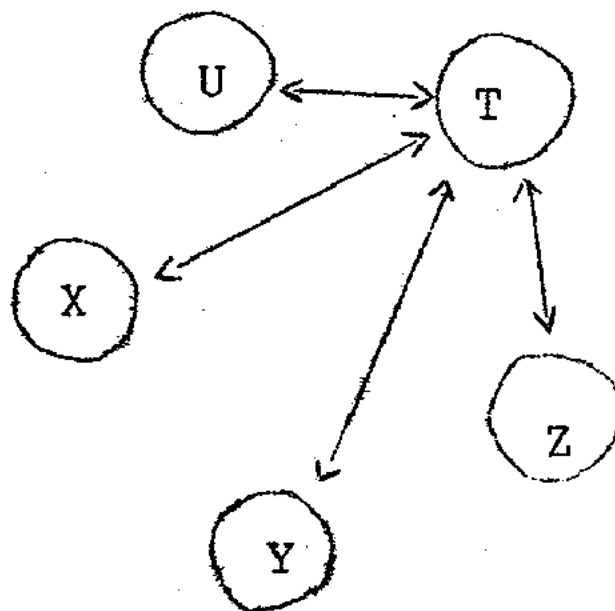


Fig. 2 - Forma da comunicação interpessoal em pequenos grupos tal como a descreve Rogers, citado por de La Puente.

g...entes, seguindo o esquema traçado nas teorias (cfr. B, p.46 e E, p. 65).

No entanto, acredita-se que o que realmente sucede num grupo pequeno constituído artificialmente, é o que segue aproximadamente o seguinte esquema, ainda utilizando o exemplo acima citado - (figura três): o facilitador inicia uma relação positiva

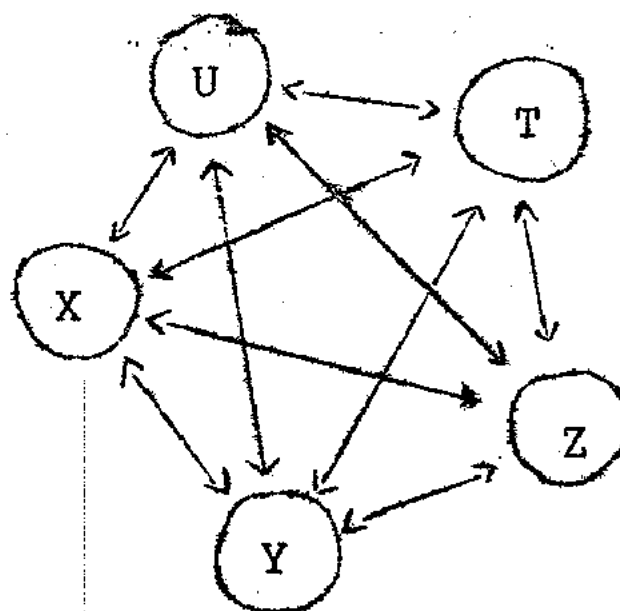


Fig. 3 - Forma de comunicação interpessoal em pequenos grupos tal como propõe o autor.

com X. Enquanto isso, os restantes membros estão percebendo a evolução dessa comunicação. Z, que sentia X como ameaçador, começa, aos poucos, a notar que sua percepção de X não corresponde à realidade, passa a compreender mais empaticamente a X e enceta com ele uma relação positiva, facilitado ou não por T. Os restantes, sentindo que essas comunicações são menos ameaçadoras do que esperavam e que, T, X e Z conseguem - apesar de em graus diferentes, - ter compreensão empática para com os outros e também considerações positivas, passam a uma relação positiva, tornando as comunicações menos defensivas, dando início ao processo em todo o grupo. Esse fato é muito bem explicado por Nicholas Hobbs, em Rogers (1969), quando diz que *"a atitude do terapeuta facilita justamente a cada membro do grupo a compreensão dos outros componentes, e também porque, identificando-se com o terapeuta, internalizam a atitude de compreensão. Assim os membros do grupo tornam-se também terapeutas uns para com os outros"* (p. 242) (cfr. com a sétima fase do processo na pag. 21).

Outra diferença é citada pelo mesmo Hobbs, por ser a situação de grupo uma *"ocasião única de aproximação mútua entre os indivíduos"* e que tal fato *"tem um efeito terapêutico para os indivíduos cujos conflitos são sempre acompanhados de uma tendência a voltar sobre si mesmo a incompreensão dos outros"*. Hobbs ainda afirma que *"no grupo, onde se estabelece um clima de aceitação, cada um pode descobrir, através do contato com os outros, os seus próprios aspectos contra os quais ele se defende e, baseado nesse fato, reestruturar o "si-mesmo"* (Rogers, 1969, p. 242). Is

so é confirmado por Gibb, em Rogers (1972b) que mostra a possibilidade da ação de um "imediato e altamente verossímil "feedback", só existente numa situação de grupo: "A interação nos grupos oferece uma significativa oportunidade para a validação social da realidade interpessoal. A viabilidade de um "feedback" direto e múltiplo, num contexto apropriado, pode dar ao participante uma avaliação da diversificação do conteúdo perceptual. Ele pode comparar suas percepções com as dos outros, e pode vir a ver-se como os outros o veem. Muitos pesquisadores do desenvolvimento humano concordam em que o contato com a realidade social é um elemento significativo no desenvolvimento da saúde pessoal" (p. 9).

É também Hobbs que lembra a possibilidade que se oferece a cada membro do grupo de superar seus sentimentos de isolamento.

Ele assinala igualmente que, "paradoxalmente, a diversidade de personalidade e de problemas individuais não provocam uma "força centrífuga" sobre o grupo - como querem muitos autores - mas, pelo contrário, ao fim de certo tempo, provoca uma certa unidade de sentimentos que consegue se estabelecer no grupo" (p.242). Mas não nos diz que sentimento é esse. Pagès (1970), no entanto, esclarece tal fato, dizendo que para ele "se trata de um sentimento de solidariedade que provém de experimentar uma angústia comum, criada pela própria situação de grupo" (p. 94). Pagès considera esse fenômeno como central na vida dos grupos.

Vale citar Gibb que, em Rogers (1972b) acrescenta uma série de diferenças entre a situação a dois e em grupo, já comprovadas experimentalmente, das quais destacam-se:

Uma das maiores contribuições da situação de grupo "é a de que o grupo como grupo é visto como elemento significativo na aprendizagem interpessoal: o processo de grupo vem de ser um novo elemento significativo nas teorias de aprendizagem social; a aprendizagem de grupo é mais de pessoas aprendendo em grupo"... "o próprio grupo é um organismo em crescimento" (p. 6).

"Muitos pesquisadores tem fortes evidências de que o crescimento pessoal é essencialmente um processo social e que o maior desenvolvimento das potencialidades humanas pode ser realizado apenas através de relações interdependentes, num grupo eficaz de pessoas" (p. 9).

São também de grande importância as observações feitas por Gibb quando trabalhou como terapeuta de grupos clínicos, isto é, grupos de terapeutas que se preparavam para facilitar grupos. Notou ele que os mesmos tinham grande capacidade para diagnosticar pessoas em termos de dinâmica da personalidade, mas surpreendentemente fracos para diagnosticar dinâmicas grupais e seus problemas; notou também que lhes faltava habilidades para iniciar um comportamento provisório na situação grupal. - Diz ele - "Ao treinar terapeutas antes e depois da situação doutoral na Universidade, descobri que, frequentemente, boas experiências de grupo induziam ganhos dramáticos na responsabilidade dos estudantes em ambos os cam

pos da terapia, individual e em grupo. Aparentemente as aprendizagens relevantes parecem que só se dão através de experiências de grupo, sendo que tais aprendizagens são especialmente importantes no treinamento de pessoas ligadas profissionalmente a atividades assistenciais" (p. 10).

2.3 As Teorias Utilizadas e o Nosso Experimento

Como já foi frisado no primeiro capítulo, recebemos o encargo de facilitar um grupo de alunos do Instituto de Psicologia da UFRJ, cujo objetivo fundamental seria o de que eles vivenciassem a experiência de grupo, em termos de estágio, durante um ano letivo.

Esse fato proporcionou a oportunidade de colocar em prática a pesquisa que tínhamos em mente. Fazia-se mister planejá-la e partir para a execução. Uma vez elaborado o planejamento, - que será abordado no terceiro capítulo desse trabalho, - procurou-se dar ao grupo experimental as condições apontadas pela teoria como variáveis independentes: de A1 à A6 na página 45, assim como D1, D2 e D3 na página 64. Em outras palavras, foram consideradas como presentes as seguintes variáveis independentes:

- D1 e D2, assim como A1, porque todos os membros do grupo que se formou, optaram, de livre e espontânea vontade, pela participação num grupo, cujos objetivos foram divulgados. O simples fato das pessoas se inscreverem numa atividade de grupo cujos objetivos eram conhecidos de antemão, garante a presença de variáveis apontadas, uma vez que aquelas pessoas tinham idéia de que iam "entrar em con

tato" com os outros membros do grupo.

- A2, porque em qualquer grupo, como o diz de La Puente (1973) - *"Rogers o repete sem cessar - estão sempre presentes a falta de compreensão empática na comunicação, a desconfiança e as formas diferentes que as pessoas tem de perceber as coisas"* (p. 327).
- D3, (a), (b) e (c) além de A3, A4, A5 e A6, que se supõe terem sido fornecidas pelo facilitador.
- a manutenção do contato entre as pessoas foi mantido durante 140 horas, através de um ano letivo, de março a dezembro em duas sessões semanais de duas horas cada.

Em resumo, supôs-se que houve (a) um mínimo de boa vontade da parte dos membros de nosso grupo experimental para estabelecerem contato; (b) um mínimo de boa vontade da parte de cada uma dessas pessoas para receber a comunicação das outras; (c) pelo menos uma pessoa mais congruente no grupo (durante as sessões) que podia ser o facilitador ou qualquer outro membro que em determinados momentos das sessões estivesse em estado de acordo ou congruência; e (d) a manutenção, durante um certo período de tempo, do contato entre as pessoas do grupo.

Para Rogers (1970a), isso *"é o suficiente para dar partida a um processo que traz como consequência a mudança da percepção de "si-mesmo" e dos outros, ocasionando uma melhora sensível nas relações interpessoais e no crescimento pessoal"* (p. 296).

A título de resumo, apresenta-se na fig. 4 uma forma esquemática das teorias que utilizamos.

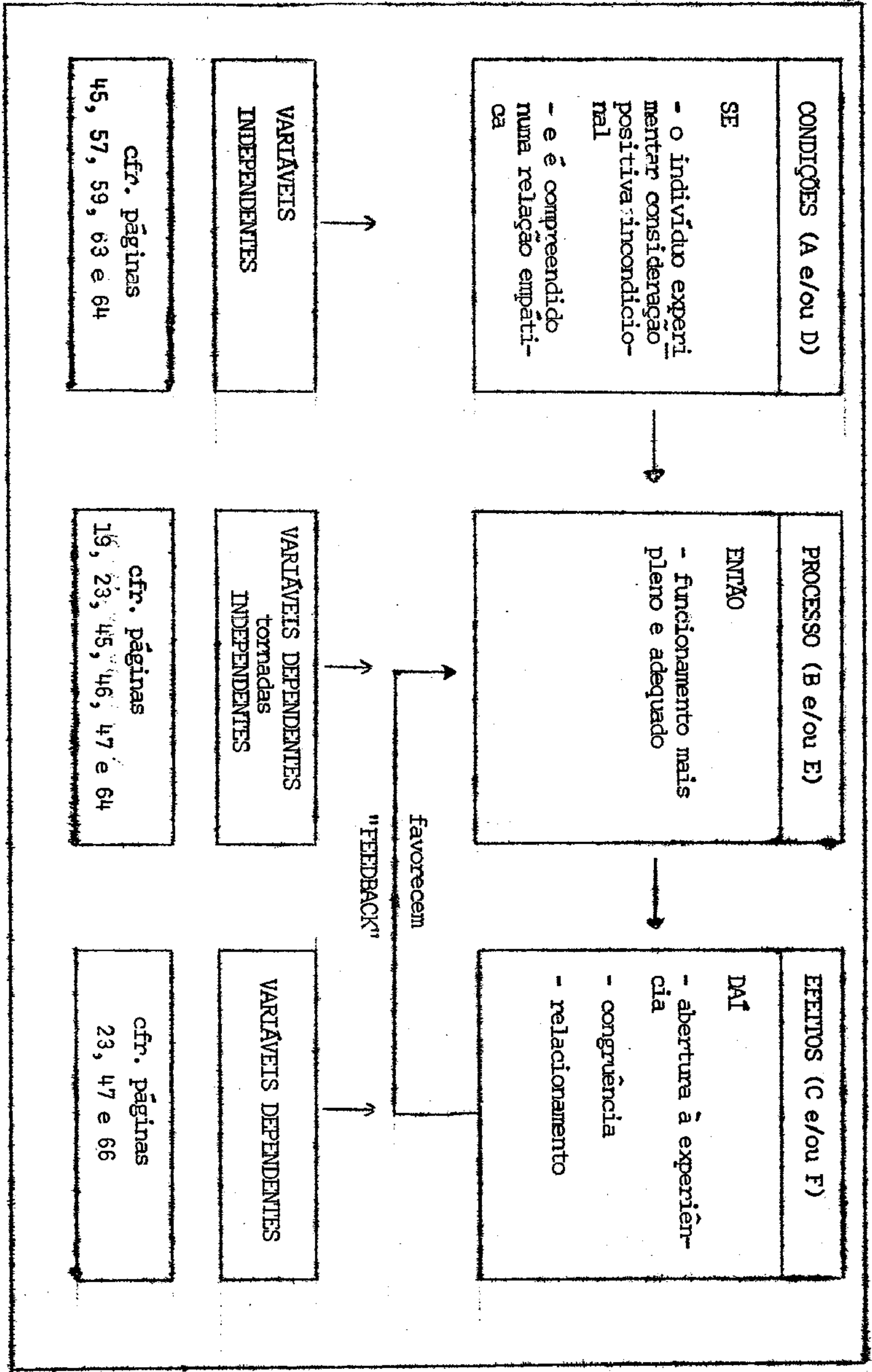


Fig. 4 - Visão esquemática das Teorias utilizadas e sua correlação com o experimento realizado.

2.4 Conclusão

Para encerrar a parte teórica desse trabalho, resta esclarecer um último ponto que, de certa forma está implícito em tudo o que já foi dito até aqui: o trabalho de grupo realizado apresentou a característica de situar-se simultaneamente em duas áreas. Por um lado, ele fica situado na faixa das relações interpessoais e dos processos de grupo; por outro lado, tem características de terapia por concentrar sua atenção em fatores intrapessoais.

Isso se explica pela própria abordagem feita, em termos de objetivos (cfr. p. 20 e 24) do grupo experimental, que leva em conta o crescimento (growth) pessoal de cada um de seus componentes em uma situação de grupo.

Essa característica também explica a utilização feita ao se lançar mão de duas teorias, uma ligada à situação de grupo e a outra em termos de transformação da personalidade. Tal emprego é perfeitamente justificável, tanto em termos teóricos, pois uma das teorias é deduzida da outra - quanto em termos práticos, pois o ponto de vista adotado é o de que "o contato com a realidade social é um elemento muito significativo no desenvolvimento da saúde pessoal" (cfr. p. 70). Dessa forma, manteve-se uma coerência interna tanto no que diz respeito à utilização teórica como prática dessas duas teorias.

Outro fator que deve ser levado em conta, é que a característica citada justifica plenamente a abordagem metodológica, no que diz respeito ao que será medido no presente experimento,

ou seja, um instrumento para avaliar o comportamento exterior e outro para avaliar a percepção da mudança interior. Com isso não se pretende entrar em detalhes à respeito de características metodológicas propriamente ditas, mas sim, mostrar mais uma diferença entre dois processos: o das relações interpessoais em pequenos gru-pos e o das relações interpessoais entre duas pessoas. Assim é possível concluir que um processo engloba o outro.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1 Os Sujeitos

Os sujeitos do presente experimento, em número de doze, eram todos alunos da quarta série do curso de Psicologia, isto é, do sétimo período de crédito; todos do sexo feminino, com idades variando entre vinte e um e vinte e três anos, todas de nível sócio-econômico médio, sendo duas casadas e dez solteiras, brancas e de nacionalidade brasileira.

3.2 Principais Aspectos Metodológicos

3.2.1 - A escolha da Amostra

Uma vez comunicada a abertura de inscrições para atividade de grupo e os seus objetivos, inscreveram-se apenas dezesseis pessoas, pois não era mais época normal de inscrições, sendo essa a razão que muitos alunos alegaram por deixar de se inscrever. Houve coincidência de horários com outras disciplinas já escolhidas anteriormente.

Quanto ao tamanho, o grupo deveria ser tal que permitisse a plena comunicação entre os seus membros, conforme vimos em parte anterior do presente trabalho; por outro lado, uma imposição regimental do Instituto não permitia que nenhuma atividade liderada por seus professores tivesse menos de dez alunos. Assim, optou-se por doze, prevendo uma eventual desistência.

No entanto, havia dezesseis inscritos, número esse que foi julgado muito grande para que houvesse uma comunicação ideal. Isso permitiu sortear os doze componentes, tendo sido esse o melhor critério que restava no momento, em face das circunstâncias.

Uma vez constituído o grupo experimental, faltava um grupo de controle que fosse o mais parecido possível de um equivalente, pois não havia mais possibilidade de se fazer uma escolha aleatória; para isso lançou-se mão de doze estudantes da mesma turma que a do grupo experimental, isto é, do sétimo período de crédito do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ, que se prontificaram a passar pelas mesmas avaliações que as do grupo experimental. Assim foi constituído um grupo de doze alunas, com idades correspondentes às do grupo experimental, com o mesmo nível sócio-econômico, sendo duas casadas e dez solteiras, brancas e de nacionalidade brasileira.

Tais fatores condicionaram a presente pesquisa à escolha de um modelo não randomizado, tendo em vista a impossibilidade de escolher uma amostra de forma aleatória.

3.2.2 - A escolha do Plano Experimental

Como vimos no item anterior, circunstâncias alheias à nossa vontade, nos conduziram a um plano "Quasi-Experimental", denominado por Campbell e Stanley (1969) de "Nonequivalent Control Group Design", cujo modelo é explicitado da forma:

$$\frac{O_1}{O_3} \quad \text{---} \quad \text{X} \quad \text{---} \quad \frac{O_2}{O_4}$$

Campbell e Stanley (1969), apresentam esse modelo como "um dos planos experimentais mais utilizados na pesquisa educacional, envolvendo um grupo experimental e um grupo de controle, aos quais é dado um préteste e um pôsteste, mas no qual ambos os grupos não tem as características de equivalência de amostragem pré-experimental" (p. 47), isto é, não há aleatoriedade na escolha de quem vai para um grupo e quem vai para o outro, e até na seleção de quem vai para os grupos à partir da população em geral. É por esse motivo que não se pôde prescindir de um pré-teste.

São ainda aqueles autores que afirmam que "a despeito disso, o plano deve ser reconhecido como bastante bom para ser usado naquelas condições em que os planos designados por "True Experimentals" sejam impossíveis. Deve ser reconhecido que a adição de um grupo de controle, ainda que não emparelhado, já reduz grandemente a dificuldade de interpretação dos resultados obtidos" (p. 48), isto porque, qualquer situação para ser considerada razoavelmente científica, requer uma comparação formal. Como no presente plano tem-se o grupo experimental sendo comparado com um grupo de controle, já havia um mínimo de requisitos de ciência, que foi a comparabilidade.

Dessa forma pode-se dizer que o plano foi capaz de controlar os efeitos da historicidade, da maturação, da testagem e da instrumentação, e que as diferenças entre os grupos experimental e de controle no préteste e pôsteste foram função primordial da manipulação experimental.

3.2.3 - A escolha das Condições Ambientais

Em se tratando de um grupo não-residencial, isto é, que não residiu junto ao local do experimento, reunindo-se aí apenas para a atividade de grupo, utilizou-se uma sala do Serviço de Psicologia Aplicada do Instituto de Psicologia da UFRJ, cuja adequação funcional se caracterizou por:

- ser relativamente isolada das outras atividades acadêmicas, o que permitiu não caracterizar a atividade experimental como sendo daquele tipo;
- ter acesso independente dos outros setores do SPA e do Instituto;
- não ter problemas de acústica, nem ser devassável;
- apresentar relativo conforto, dentro de padrões estéticos e visuais neutros.

No que diz respeito à disposição dos participantes na sala, usou-se a circular, para que todos tivessem uma visão perfeita uns dos outros. Os assentos eram cadeiras simples, todas iguais, sem distinção para o facilitador.

Lamenta-se não dispor o Instituto de aparelho de gravação, uma vez que tal instrumento teria sido por demais útil, tanto na aplicação de técnicas de "feedback", como na pesquisa propriamente dita.

3.2.4 - A escolha das Técnicas de Avaliação

Diversos foram os fatores que condicionaram a escolha dos instrumentos de avaliação utilizados.

Por um lado, um dos instrumentos mais adequados ao presente caso e amplamente utilizado pelos rogerianos - a metodologia-Q de Stephenson (1953), para o estudo do auto-conceito - não se acha traduzido e adaptado para o contexto brasileiro. Por outro lado, dispunha-se do QICE, "Questionário do Ideal, do Comum e do Eu", adaptado da técnica-Q por Pierre Weil* e utilizando um processo imaginado por A. Rey, cujas conclusões não recomendavam o seu uso.

Além disso, dos outros instrumentos de que se dispunha, tais como os testes projetivos, alguns careciam de fidedignidade e outros de adequação aos propósitos do experimento.

Vale dizer, portanto, que em termos de avaliação, não se contou com os melhores instrumentos, fato que foi levado em consideração na Análise dos Resultados.

a) "Self-anchoring Striving Scale"
de H. Cantril (1965)

Tal escala representou um excelente meio para avaliação prévia dos resultados da manipulação experimental na pesquisa aqui exposta.

* Weil, P. et al., Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas. Itatiaia, 1967, pp.114-118.

Por um lado, era desejável uma antecipação dos resultados, tendo em vista ser a principal técnica de medição utilizada - a Análise de Conteúdo - um instrumento de difícil elaboração e que envolvia não só um trabalho lento e cuidadoso, mas também a colaboração de um grupo técnico de julgamento. Isso significava um retardamento do início da redação do atual relatório, fato que não podia ser desprezado. Por outro lado, sabedores das deficiências que aquela "Análise de Conteúdo" pode conter, viu-se nessa escala uma forma de suprir algumas daquelas deficiências. Além disso, sabe-se que dois instrumentos diferentes, medindo a mesma variável, poderiam fornecer dados mais conclusivos.

A escolha também foi condicionada principalmente pelo fato de tratar-se de uma medida da percepção de "si-mesmo", principal meta nessa pesquisa. Segundo o seu autor, Cantril (1965) *"essa escala é uma técnica simples e amplamente aplicável e adaptável para penetrar o mundo real e único de um indivíduo e descobrir o que ele tem de comum com os outros"* (p.22).

Havia aí uma identidade de abordagem entre Rogers e Cantril, quando esse fala em "mundo real e único do indivíduo": ambos o consideram como sendo essa a maneira do indivíduo perceber a realidade externa, isto é, em função de sua realidade interna.

Essa identidade torna-se ainda mais nítida quando são comparados, por um lado, a conceituação rogeriana de estrutura do "si-mesmo", e por outro, a forma de como um indivíduo deve utilizar a escala de Cantril: tal como pode ser visto na página 28, - Os

termos "percepção de "si-mesmo", servem para designar a configuração experiencial composta de percepções que se referem ao "si-mesmo", às relações do "si-mesmo" com os outros, com o meio e com a vida em geral, assim como os valores que o sujeito atribui a estas diferentes percepções*". Compare-se isso com o que diz Cantril (1965): "Pede-se a uma pessoa que defina, com base em suas próprias posições, percepções, objetivos e valores*, os dois extremos ou pontos de amarração do espectro do qual se deseja alguma medida em escala" (p. 22).

A análise, mesmo superficial, dessas duas posições, mostra a sua igualdade de abordagem, no que diz respeito aos seus conceitos de auto-percepção. Foi essa a razão mais importante que decidiu a presente escolha.

No entanto, outras razões também colaboraram nessa decisão:

- o fato de Cantril (1965) ter usado amplamente essa escala em seus estudos, mostra sua, - pelo menos razoável, - validade e fidedignidade, além da adequação de seu emprego;

- o fato de ser uma técnica simples no que diz respeito não só à sua aplicação, como também à mensuração, o que a tornava útil aos propósitos dessa pesquisa;

- o fato de que a técnica "possa ser aplicada a uma variedade ampla de problemas" (Cantril, 1965, p. 22).

* O grifo é nosso.

Finalmente convém esclarecer que foram levados em consideração os problemas inerentes à uma escala auto-ancorada, utilizando-a apenas para comparar as médias dos grupos experimental e de controle.

Os detalhes técnicos de adaptação e aplicação são examinados adiante, servindo as palavras até aqui usadas apenas como justificativa da escolha feita.

b) Análise de Conteúdo

Segundo Berelson (1966), a *"análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa para descrever objetiva, sistemática e quantitativamente o conteúdo manifesto de uma comunicação"* (p. 18). Essa técnica foi largamente usada por Rogers e seus colaboradores que, para realizar suas pesquisas, retiravam trechos de fitas magnéticas de gravações feitas durante a terapia para analisar seu conteúdo. Isso, no entanto, deu-se numa época em que os rogerianos iniciavam suas investigações científicas, isto é, entre 1940 e 1955.

Uma técnica mais refinada, produto de muitos anos de trabalho e estudos, substitui esse tipo de análise: foi a técnica-Q, já citada anteriormente. A impossibilidade de seu emprego nessa pesquisa, por circunstâncias já descritas, levou ao emprego da Análise de Conteúdo, que é justificada pelas palavras de Rogers, (1967) em função do caráter exploratório da atual pesquisa: *"Reconhecemos francamente que estas primeiras investigações sejam rudimentares"... "no entanto, tiveram o mérito de abrir o caminho de um novo movimento de investigação e, por causa disso, sua contribuição foi fundamental"* (p. 287).

Além disso, outras razões colaboraram igualmente na escolha dessa técnica:

- o fato dessa técnica, utilizada em conjunto com a primeira, se complementarem, suprindo falhas mútuas;

- o fato de já se encontrarem construídas as categorias necessárias, evitando assim um dispêndio de tempo muito grande em termos de pesquisas, e diminuindo, portanto, a probabilidade de erros;

- o fato assinalado por Holsti (1968) de "*muitas pesquisas terem sido dirigidas no sentido de desenvolver e validar medidas de diagnose e avaliação da psicoterapia*" (p. 631) tais como: o T.T.R. - "Type-token ratio" - (proporção do tipo de palavras usadas num discurso).

c) "State-Trait Anxiety Inventory" de Spielberger, et al.." (1970)*

Finalmente e apenas como mais um fator de comprovação ou não das hipóteses levantadas, utilizou-se o inventário de Spielberger - (reproduzido com a permissão de C.D. Spielberger, 9/5/73, a Angela Biaggio, para finalidade exclusiva de pesquisa) - com a autorização dessa, para verificar se há realmente uma diferença significativa entre os grupos experimental e de controle em termos de tensão e ansiedade, uma vez que Rogers (1970a) diz que os resultados da investigação mostram que "*se dá uma redução da tensão em todas as suas formas - fisiológica, psicológica e ansieda -*

* Spielberger, C.D., Gorsuch, R.L. and Lushene, R.E., The State - Trait Anxiety Inventory (Test Manual). Palo Alto, California: Consulting Psychologists Press, 1970.

de" (p. 68) em Ss que se submetem às atividades de aconselhamento psicológico (Anexo III e IV).

Resta acrescentar que, a falta de maiores estudos sobre a validade e fidedignidade dos presentes instrumentos de medida em relação a população brasileira, gera uma confiabilidade limitada sobre quaisquer conclusões deles extraídas, impedindo que atinjam os requisitos necessários para que sejam considerados como instrumentos psicométricos, na acepção da palavra.

3.3 Procedimentos

3.3.1 - Relacionados com as Técnicas de Avaliação

O propósito da "Self-Anchoring Striving Scale" e da "Análise de Conteúdo" foi o de medir a mudança da percepção de "si-mesmo" nos indivíduos desse experimento.

Tal como pode ser observado na página 27, na definição rogeriana de percepção de "si-mesmo" nota-se a presença de dois critérios distintos para tal percepção: um mais ou menos particular e outro público.

Se não, veja-se a definição: - é a configuração experencial composta de percepções que se referem: a) ao "si-mesmo" e b) às relações do "si-mesmo" com os outros, com o meio e com a vida em geral. Quando essa definição se refere ao "si-mesmo", - explicitado em a - o critério é mais ou menos particular, isto é, a percepção consiste na experiência que o indivíduo tem do seu "eu" (ou "si-mesmo") interno, ou seja, de seus sentimentos, dese -

jos, angústias, etc.. Quando ela se refere ao "si-mesmo-em-rela -
ção" - explicitado em b - o critério é público, isto é, a percepção
é aquela que o indivíduo tem de "si-mesmo" em relação com os outros
e com o meio que o cerca, e consiste no testemunho que fornece o in
divíduo através de seu comportamento exterior.

Baseado nisso, utilizou-se a escala de Cantril ape-
nas para aferir o critério particular que o indivíduo tem de "si -
mesmo" e a Análise de Conteúdo para medir o critério público dessa
percepção, cujo testemunho de comportamento consistiu de relatos
verbais escritos.

Por essa razão, os resultados dessas duas medições
devem ser considerados como complementares.

Esse fato também esclarece a atual dificuldade em
encontrar um instrumento que se adequasse aos propósitos da pesqui-
sa em pauta, levando em conta a impossibilidade da aplicação da téc
nica-Q, como já dito anteriormente.

A partir daí, resolveu-se adaptar os dois instrumen-
tos acima citados à pesquisa, limitando a confiabilidade nos resul-
tados desses mesmos instrumentos, no que concerne à sua validade e
fidedignidade. No entanto, o seu emprego se justifica pelo caráter
dessa investigação que, como já foi dito anteriormente, é um estudo
exploratório.

a) "Self-Anchoring Striving Scale"

O próprio autor dessa escala, Cantril (1965) afirma que ela é amplamente aplicável e adaptável. Logo a seguir explica que: *"Se pede a uma pessoa que defina, com base em suas próprias posições, percepções, objetivos e valores, os dois extremos ou pontos de amarração do espectro do qual se deseja alguma medida em escala; por exemplo, pode-se pedir que defina o "máximo" e o "mínimo", o "bom" e o "mau", o "melhor" e o "pior". Em seguida, usa-se essa massa autodefinida como mecanismo de mensuração"* (p. 22).

É também o próprio autor que permite uma adaptação, quando diz: *"Embora a técnica da "Self-Anchoring Striving Scale" possa ser aplicada a uma variedade ampla de problemas**, no presente estudo ela foi utilizada como um meio de descobrir o espectro de valores que preocupam ou afetam uma pessoa que, por meio deles, avalia sua própria vida" (p. 22). Esse fato permitiu a liberdade em fazer uma adaptação à presente investigação, utilizando-a para aferir se os Ss percebiam de forma significativa as mudanças que porventura se operassem em "si-mesmos" através da manipulação experimental.

Dessa forma, foi construída a escala, da maneira como segue:

* O grifo é nosso.

10
9
8
7
6
5
4
3
2
1
0

Fig. 5 - Escala utilizada para avaliação da auto-percepção por Cantril.

Usando o mesmo artifício não verbal em forma de escada (Fig. 5) utilizada por Cantril, foram dadas as seguintes instruções escritas: "Para que possamos avaliar os efeitos de nossa atividade de grupo, solicitamos que você marque a posição de dois momentos de sua vida, com base em suas próprias percepções, objetivos e valores: Antes de começar nosso grupo e agora no fim do mesmo.

Para fazer tal marcação, você deve utilizar a escada acima, pensando em: "Como eu percebo agora, como eu era antes do grupo", e marcando sua posição com um A no ponto da escala em que você acha que se encontrava. Em seguida pense em: - "Como eu me percebo

agora, no final do grupo", e marcando sua posição com um F no ponto da escada em que você acha que se encontra agora".

Durante a aplicação, foram também acrescentadas as seguintes instruções orais: "Todas leram as instruções?" - aguardou-se a aquiescência geral - "Então observem, na folha que cada uma recebeu; ela tem ao lado uma escada, que pode ser considerada "a escada da percepção de si-mesmo". Quem percebe a "si-mesma" melhorando, sobe na escada; quem percebe a "si-mesma" piorando, desce na escada. Entenderam".

Chama-se a atenção do leitor, para uma diferença nas instruções escritas, no que diz respeito ao grupo experimental e ao grupo de controle. Esse último teve mudadas duas frases: primeiro, onde se lê, (nas instruções do grupo experimental), "Como eu percebo agora, como eu era antes do grupo" - foi trocado por - "como eu percebo agora, como eu era no mês de março desse ano"; segundo, onde se lê, (nas instruções do grupo experimental), "Como eu me percebo agora, no final do grupo" - foi trocado por - "Como eu me percebo agora".

Essa variante foi adotada tendo em vista que o grupo de controle não passou pela manipulação experimental, e o presente experimento iniciou-se no final do mês de março (Anexo I e II).

Esse instrumento foi aplicado em ambos os grupos, experimental e de controle, no mesmo dia, sala e hora, porém, apenas na situação de "pósteste", isto é, no final do experimento, tendo em vista as suas características.

Procurou-se também evitar um efeito de historicidade, representado por uma certa euforia generalizada entre os participantes de muitos grupos de encontro, no final da atividade, realizando a testagem uma semana e meia antes do término previsto.

Quanto às notas obtidas pelos Ss, elas se constituem da diferença entre os valores que cada S marca na escala. Por exemplo: se um indivíduo X marca um A em 4 e um F em 6, ele teve dois pontos positivos; caso um indivíduo Y marcou A em 5 e F em 4, ele teve um ponto negativo.

b) "Análise de Conteúdo"

Na época em que Rogers e seus associados faziam investigações utilizando a "Análise de Conteúdo", a matéria prima de que lançavam mão, constituía-se de trechos de gravações realizadas durante as sessões de terapia ou sessões de grupo. Por não ter sido possível contar com instrumentos de gravação, solicitou-se dos Ss, - tanto do grupo experimental como do grupo de controle - que fizessem uma auto-descrição, respondendo a um único estímulo, constituído pela frase - "Como eu me percebo agora". Esses relatos constituíram a matéria prima de "préteste" e "pósteste".

O propósito desse instrumento foi o de avaliar se houve ou não mudanças de percepção e de que tipo eram essas mudanças.

A sua aplicação, - realizada em dia e hora diversa da dos outros dois instrumentos, - teve as seguintes instruções verbais, após a entrega de uma folha de papel almaço pautado: "Colo

quem nessa folha de papel o título - Como eu me percebo agora - Pronto? Então diga como você se percebe ou vê a si mesmo, no dia de hoje, isto é, atualmente. Procure não citar na sua descrição nenhuma pessoa ou fato em particular; atenha-se apenas ao título".

Observou-se, após a primeira testagem, que a variável "comprimento do relato" não havia sido controlada; as descrições variavam em extensão. Dessa forma, acrescentou-se às instruções, na segunda testagem, a frase: - "Utilize aproximadamente 25 linhas para seu relato". Apesar disso, foi novamente observado que, mesmo assim, não foi possível controlar a mencionada variável, por duas razões: em primeiro lugar pela diversidade no tamanho da letra dos Ss; em segundo lugar, as frases "auto-referentes" - unidade da análise - variavam também de tamanho.

Esses fatores levaram à uma quantificação proporcional, o que foi considerado nos resultados.

Esse material, tanto o de "préteste" como o de "pós teste", antes de ser analisado, foi submetido a duas operações: uma de codificação numérica para não ser identificável e em seguida batido à máquina, respeitando-se alguns critérios, para uniformização de todo o material. Esses critérios foram: a) não usar parágrafos; b) constância na largura das margens; e c) uma das margens mais larga, para permitir anotações da análise (Anexo V).

A etapa seguinte consistiu em saber qual o conteúdo do universo de discurso de que se dispunha, o que significava uma necessidade, em primeiro lugar, de criação de categorias, cuja pre

sença ou ausência teria que ser detectada. Para isso foram utilizados os elementos da própria teoria rogeriana, e traduzida na terceira hipótese. Dessa forma foram escolhidas três categorias já amplamente pesquisadas por Rogers e sua equipe - "Abertura à Experiência", "Congruência" e "Relacionamento" - preenchendo assim os requisitos de sistematização preconizado por Berelson (1966), de que *"a análise precisa ser planejada em relação à dados relevantes de um problema ou hipótese científica"* (p. 263). Em segundo lugar, foi dada atenção para o problema da fidedignidade da análise, levando a solicitação de colaboração de três juizes no sentido de submeter o material à uma "análise" de conteúdo".

Tais juizes foram escolhidos entre psicólogos reconhecidamente competentes na área de psicodiagnóstico e que não conheciam os Ss do experimento. Eles receberam uma pasta contendo instruções escritas sobre, a) seus procedimentos, b) as definições operacionais, c) explanações e conceituações amplas à respeito das categorias adotadas, assim como exemplos retirados do próprio universo de discurso de que se dispunha (Anexo VI).

Na opinião de Berelson (1966), esses requisitos são necessários no sentido de dar uma base científica à análise de conteúdo - *"O requisito de objetividade estipula que as categorias para a análise devem ser precisamente definidas para que diferentes analistas possam aplicá-las ao mesmo corpo de conteúdo e chegarem com segurança ao mesmo resultado"* (p. 263).

Em seguida os juizes passaram por um treinamento para que seus julgamentos e consequentes análises fossem o mais homogêneas possíveis. Nesse período foram acentuados os requisitos semânticos-e-sintáticos lembrados por Berelson (1966), de que *"a análise de conteúdo é comumente limitada ao conteúdo manifesto da comunicação e não é normalmente dado diretamente em termos de intenções latentes que o conteúdo pode expressar, nem de respostas latentes que poderiam elicitar"* (p. 262).

Dedicou-se também algum tempo do treinamento para que, em conjunto, fossem divididos, de forma homogênea, os períodos dos relatos verbais em frases "auto-referentes" e frases "não-auto-referentes".

O trabalho dos juizes constituiu-se de:

- 1º) Categorizar cada frase "auto-referente";
- 2º) anotar a frequência da presença ou ausência de cada categoria em todos os relatos;
- 3º) anotar a frequência de imagens positivas e negativas de "si mesmo", contidas em cada relato;
- 4º) anotar qualquer observação que julgue relevante, não só em relação a um determinado relato, como também em relação ao conjunto.

Para melhor ilustrar essa quantificação, dá-se em seguida um exemplo dos resultados numéricos de um relato hipotético baseados num julgamento acima descrito:

Relato nº 512

Número de frases: 14

Número de frases "auto-referentes": 13

Número de auto-imagens:

	Negativas	Positivas
Categoria I	3,4,5,6,7,12*	1,2,8,10
Categoria II	11,13	9
Categoria III		
Total	8	5

Convém esclarecer que cada categoria é formada por um "continuum" teórico entre os dois polos, um negativo e outro positivo, que dão a relatividade de cada auto-imagem, ou seja:

Categoria I: Abertura à Experiência - polo positivo

Defensividade - polo negativo

Categoria II: Congruência - polo positivo

Incongruência - polo negativo

Categoria III: Relacionamento Positivo

Relacionamento Negativo

Desejo de Relacionamento - polo intermediário

* Esses números referem-se à ordem numérica das frases em que o relato foi dividido.

Para maiores esclarecimentos, deve ser consultado o Anexo VI, que contém todos os detalhes para tal levantamento.

Todo esse material foi tratado estatisticamente, o que satisfaz os requisitos de quantificação recomendados por Berelson (1966) como "*a característica mais distintiva da análise de conteúdo*" (p. 263),

Essa análise teve, portanto, um duplo aspecto: por um lado, operou-se uma análise quantitativa, isto é, a detecção do número de auto-imagens positivas e negativas existentes em cada relato; por outro lado, o conteúdo foi analisado qualitativamente, através da presença ou não das categorias de sentimentos expressos no universo de discurso dos relatos.

c) "State-Trait Anxiety Inventory"

Trata-se de um inventário para avaliar o nível de tensão e ansiedade, criado e desenvolvido por C.D. Spielberger e seus associados, para proporcionar, com fidedignidade e rapidez, medidas relativas ao "A-State" e ao "A-Trait". (Anexo III e IV)

Na forma "A-State", os Ss são solicitados no sentido de responder a cada uma das 20 perguntas em termos de "como eles se sentem agora, neste momento". As respostas são marcadas numa escala de quatro pontos para cada categoria, que são: (1) Absolutamente; (2) Um pouco; (3) Bastante; e (4) Muitíssimo. A metade dos itens dessa parte são contadas diretamente com a quarta categoria "muitíssimo", recebendo o "score" máximo de quatro pontos. A contagem é inversa nos restantes itens onde a primeira categoria é "absoluta -

mente", recebendo o "score" máximo de quatro pontos.

A forma "A-Trait", é avaliada solicitando-se aos Ss para responder a cada uma das outras 20 perguntas em termos de "como eles se sentem geralmente". São dadas quatro categorias de respostas: (1) Raramente; (2) Às vezes; (3) Frequentemente; e (4) Quase sempre. Treze desses itens são contados diretamente pelo seu valor nominal, enquanto que sete são contados inversamente.

Esse inventário foi aplicado juntamente e nas mesmas condições que o "Self-Anchoring Striving Scale", isto é, apenas na situação de "pósteste", em ambos os grupos, - experimental e de controle, - no mesmo dia e hora.

Em se tratando de um instrumento em fase experimental e de pesquisa, teve também sua confiabilidade limitada. Dessa forma, utilizaram-se apenas os seus "scores" brutos para comparar os dois grupos, em termos de significância de suas diferenças, no que diz respeito ao nível de ansiedade desses dois grupos.

Resumiram-se na figura abaixo os procedimentos que serviram para aceitar ou rejeitar as hipóteses:

Procedimento	para avaliar a
<u>a</u> (Self-Anchoring Striving Scale)	1a. Hipótese
<u>b</u> (Análise de Conteúdo)	1a. Hipótese
<u>b</u> (Análise de Conteúdo)	2a. Hipótese
<u>b</u> (Análise de Conteúdo)	3a. Hipótese
<u>c</u> (State-Trait Anxiety Inventory)	Ansiedade

Fig. 6 - Resumo dos procedimentos realizados para avaliação da auto-percepção na presente pesquisa.

3.3.2 - Relacionados com a Técnica de Encontro

a) Método e Modalidade

O grupo foi facilitado pelo método não-diretivo e enfatizado por uma aprendizagem pessoal, proveniente das relações interpessoais e da comunicação entre seus participantes conforme se afigurou no "aqui-e-agora".

b) Objetivos

Procurou-se:

- proporcionar o crescimento (growth) dos participantes como pessoas, através da vivência mais plena de seus sentimentos e emoções;
- oferecer a maior oportunidade possível aos participantes de: expôr seu comportamento; dar e receber "feedback"; experimentar novas atitudes e desenvolver a aceitação de si e dos outros; permitir que os participantes possam comunicar livremente seus sentimentos, permitindo também aos outros expressarem os seus.

c) Facilitador

O facilitador, ao realizar sua tarefa, tentou:

- focalizar sua atenção no material que emergia das relações e experiências surgidas no "aqui-e-agora";
- não pré-determinar a direção dos trabalhos, sem ser passivo;

- reagir tão honestamente quanto possível, sem impor condições;
- confiar nos participantes e mostrar que sentia essa confiança;
- ser aberto, congruente, permissivo e interdependente, permitindo-se porém, sentir-se livre para expressar seus próprios sentimentos sem impô-los aos outros;
- não fazer intervenções caracterizadas como interpretações clínicas.

d) Aspectos Formais

Tamanho: Apesar de já haver referência anterior a esse respeito, não foi então considerado o ponto de vista técnico desse fator específico. Segundo Schvinger (1974), o tamanho de um grupo *"varia bastante, sendo a média de 10 a 15 pessoas. Encontrou-se descrição de grupos de menos de 10 pessoas, mas, com fins de pesquisa. Considera-se que menos de 10 não permite uma dinâmica de grupo rica em experiências. Por outro lado, mais de 15 pessoas dificulta a intimidade e facilita a dispersão de temas"* (p. 50). Dessa forma, concluiu-se pela adequação da escolha por 12 participantes.

Duração: Realizaram-se duas sessões de duas horas cada, por semana, uma na 3a. feira e outra na 6a. feira, totalizando 72 sessões, ou sejam, 144 horas de atividades de grupo, de março a dezembro.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS

Antes de apresentar os dados obtidos no presente experimento através dos instrumentos empregados, convém fazer algumas observações esclarecedoras. A primeira se refere ao número de sujeitos do grupo de controle, que ficou reduzido a dez, posto que dois de seus componentes tiveram que se ausentar, viajando para outro estado, exatamente no período de aplicação dos instrumentos de "pósteste".

Dessa forma, - chamando o grupo experimental de GE e o grupo de controle de GC, - tem-se

$$GE \rightarrow N_1 = 12$$

$$GC \rightarrow N_2 = 10$$

Outra observação pertinente é a codificação atribuída a esses dois grupos: o GE teve seus membros numerados de 1 a 12, e o GC de 13 a 24.

Posto isso, pode-se passar para a apresentação dos resultados propriamente ditos.

4.1 - Resultados do "Self-Anchoring Striving Scale" (SASS)

Tabela 1

Escores alcançados pelo Grupo Experimental no "Self-Anchoring Striving Scale".

Ss	Notas		Escores de diferença
	A	F	
1	3	6	3
2	3	8	5
3	3	7	4
4	3	8	5
5	3	6	3
6	1	7	6
7	2	8	6
8	4	8	4
9	2	8	6
10	2	6	4
11	3	8	5
12	3	8	5

Tabela 2

Escores alcançados pelo Grupo de
Controle no "Self-Anchoring Striving Scale".

Ss	Notas		Escores de dife rença
	A	F	
14	5	2	-3
15	3	5	2
16	5	7	2
17	7	4	-3
18	4	5	1
19	6	8	2
20	7	6	-1
22	3	5	2
23	8	5	-3
24	5	8	3

4.1.1 - Tratamento Estatístico

Os dados resultantes da aplicação do SASS devem res-
ponder à pergunta experimental - "Há mudanças na percepção de "si -
mesmo" no grupo de encontro básico extensivo?", gerando por sua vez:

H_0 : "não há diferenças entre as mudanças da percep-
ção de si-mesmo no GE e no GC"

H_1 : "há diferenças entre as mudanças da percepção
de si-mesmo no GE e no GC".

Estabelecendo $\alpha = 0,05$, utilizou-se dois tipos de tratamento estatístico: o primeiro, à semelhança dos autores do SASS, que consideram a escala aplicada à nível intervalar, sendo, portanto, o cálculo das diferenças entre médias (teste t de Student), perfeitamente pertinente. O segundo tratamento estatístico corresponde a uma posição mais conservadora ao serem considerados os dados obtidos como representativos de uma escala meramente ordinal, sendo necessário, por isso, um teste de escores de diferenças ordenáveis em função de sua magnitude absoluta, de modo a verificar se tais diferenças, oriundas de amostras independentes, provêm de uma mesma população. O teste U de Mann-Whitney é usado tipicamente como alternativa para o teste t, quando o pesquisador deseja evitar pressupostos subjacentes àquele teste.

Tabela 3

Resultados encontrados pelo tratamento estatístico dos escores do "Self-Anchoring Striving Scale" através do teste t de Student

	GE	GC
Médias	4,67	0,20
DP	1,0250	2,3152
N	12	10
t	5,63*	

* $p < 0,05$

Pela técnica de Mann-Whitney encontramos:

$$U = 1$$

O valor de U para $p < 0,05$ é 34. Como U encontrado é menor do que U da tabela, pode-se afirmar que a técnica de Mann - Whitney confirma a decisão obtida pela técnica de Student:

rejeitar H_0 .

4.2 - Resultados do "State-Trait Anxiety Inventory" (STAI)

Tabela 4

Escores brutos alcançados pelo Grupo Experimental no "State-Trait Anxiety Inventory", parte I

Ss	Escores
1	59
2	37
3	41
4	32
5	37
6	38
7	25
8	33
9	43
10	37
11	31
12	30

Tabela 5

Escores brutos alcançados pelo Grupo de Controle no "State-Trait Anxiety Inventory", parte I

Ss	Escores
14	71
15	42
16	39
17	41
18	47
19	29
20	39
22	44
23	39
24	24

Tabela 6

Escores brutos alcançados pelo Grupo Experimental no "State-Trait Anxiety Inventory", parte II

Ss	Escores
1	40
2	43
3	38
4	31
5	44
6	40
7	32
8	31
9	61
10	42
11	34
12	46

Tabela 7

Escores brutos alcançados pelo Grupo de Controle no "State-Trait Anxiety Inventory", parte II

Ss	Escores
14	65
15	41
16	40
17	36
18	35
19	31
20	35
22	45
23	35
24	27

4.2.1 - Tratamento Estatístico

Os dados resultantes da aplicação do STAI devem responder à pergunta experimental - "Há mudanças no nível de ansiedade no nosso grupo de encontro básico extensivo?" - que por sua vez fornecem:

H_0 : "não há diferenças entre os níveis de ansiedade no GE e no GC"

H_1 : "há diferenças entre os níveis de ansiedade no GE e no GC".

Estabelecendo $\alpha = 0,05$, utilizou-se também dois tipos de tratamento estatístico para os resultados do STAI, por se tratar de instrumento ainda em fase de validação: o primeiro, à ní-

vel intervalar, calculado através das diferenças entre as médias dos GE e GC, (teste t de Student); e o segundo, calculado à nível ordinal, através do teste U de Mann-Whitney, para evitar também os pressupostos subjacentes ao teste t.

Tabela 8

Resultados do teste do "State-Trait Anxiety Inventory"

	STAI - I		STAI - II	
	GE	GC	GE	GC
Médias	36,92	41,50	40,17	39,00
DP	8,2005	11,7837	8,0194	9,9096
N	12	10	12	10
t	1,07		0,31	

$p \geq 0,05$ (N.S.)

Tabela 9

Resultados do teste U do "State-Trait Anxiety Inventory"

	STAI - I	STAI - II
U	38,50	68,00

O valor de U para $p < 0,05$ é 34. Como U encontrado é maior que U da tabela de Mann-Whitney, não se pode rejeitar H_0 , o que é confirmado pela decisão obtida com a técnica de Student.

4.3 - Resultados da "Análise de Conteúdo"

Levando-se em conta que esse processo envolve alta dose de subjetividade, julgou-se oportuno realizar um estudo sobre a concordância entre as análises dos diferentes avaliadores, não só no que concerne à categoria em cada frase auto-referente deve - ria ser classificada, como ainda em relação à direção implícita em seu conteúdo.

Comparando os resultados obtidos pelos analistas dois a dois, foram encontrados - segundo a técnica proposta por Hutt*, - os coeficientes abaixo:

Tabela 10

Níveis de Acordo entre Analistas

	Categorias	NA	ND	P
Analistas 1 x 2	I	269	18	93,73
	II	151	12	92,64
	III	83	5	94,32
	outras	9	1	90,00
Analistas 1 x 3	I	255	32	88,85
	II	141	22	86,50
	III	73	15	82,95
	outras	6	4	60,00
Analistas 2 x 3	I	257	30	89,54
	II	147	16	90,18
	III	80	8	90,90
	outras	8	2	80,00

* Hutt, S.J. & Hutt, C. Direct observation and Measurement of Behavior. American Lecture Series. Thomas C.C., Springfield, Illinois, 1970, cap. 5.

Esta tabela inclui apenas o aspecto da categorização de cada uma das frases dos relatos, já que a direção relacionada com cada polo das categorias apresentou uma concordância de 100% entre os analistas.

Aceitando-se como índice mínimo uma concordância de 80%, essa análise parece oferecer dados satisfatórios; devem ser considerados os resultados daqueles avaliadores que entre si revelam maior consistência em cada categoria.

Dessa forma, escolheu-se indiferentemente entre os julgamentos 1 e 2, cujos resultados são apresentados nas tabelas a seguir:

Tabela 11

Resultados da Análise de Conteúdo na Categoria "Abertura à Experiência", relativos ao Grupo Experimental

Ss	Antes		Depois	
	-	+	-	+
1	0,3750	0,2500	0	0,7273
2	0	0,2875	0,0714	0,5714
3	0,1154	0,0385	0,0714	0,7143
4	0,4615	0,0769	0	0,7273
5	0,1667	0	0,1053	0,3159
6	0	0	0,2000	0,7000
7	0,0714	0,2857	0	0,4000
8	0	0,3571	0	0,3077
9	0,3333	0,5556	0,1333	0,6000
10	0,1250	0,3750	0,1666	0,5833
11	0,2222	0,2222	0	0,6154
12	0	0,0909	0,1429	0,4286

Esses números são proporcionais ao comprimento do relato de cada sujeito.

Tabela 12

Resultados da Análise de Conteúdo na Categoria "Congruência", relativos ao Grupo Experimental

Ss	Antes		Depois	
	-	+	-	+
1	0,2500	0	0,0909	0,1818
2	0,2857	0	0	0,0714
3	0,8462	0	0	0
4	0,2308	0,0769	0	0,2727
5	0,5000	0	0	0,2632
6	0,6667	0	0	0
7	0,2857	0	0	0,4000
8	0,5000	0	0	0,5385
9	0,1111	0	0,1333	0,0666
10	0	0	0	0,2500
11	0,2222	0,0555	0,0769	0,2308
12	0,0909	0,4545	0	0,1429

Tabela 13

Resultados da Análise de Conteúdo na Categoria "Relacionamento", relativos ao Grupo Experimental.

Ss	Antes		Depois	
	-	+	-	+
1	0	0	0	0
2	0,4285	0	0	0,2143
3	0	0	0	0,0714
4	0	0,1538	0	0
5	0,3333	0	0	0,1579
6	0	0	0	0
7	0,2143	0	0	0,1500
8	0	0	0	0,0769
9	0	0	0	0,0667
10	0,3750	0	0	0
11	0,1667	0	0	0,0769
12	0	0	0	0

Tabela 14

Resultados da Análise de Conteúdo na categoria "Abertura à Experiência", no Grupo de Controle

Ss	Antes		Depois	
	-	+	-	+
14	0,4706	0,2353	0,0909	0,2727
15	0,5000	0,2143	0,7143	0,2857
16	0,0769	0,1538	0,2000	0,4000
17	0,2857	0,5714	0,1000	0,1000
18	0,1538	0,6154	0	0,7272
19	0	0,1818	0,0909	0,4545
20	0,2000	0,3000	0	0
22	0,2000	0,5333	0,1818	0,4545
23	0,1600	0,1200	0,1111	0,2778
24	1,0000	0	0,4000	0,4000

Tabela 15

Resultados da Análise de Conteúdo na categoria "Congruência", no Grupo de Controle

Ss	Antes		Depois	
	-	+	-	+
14	0,1176	0,1176	0,6364	0
15	0,2857	0	0	0
16	0,2308	0,3846	0,3000	0,1000
17	0,1428	0	0,7000	0
18	0,0769	0,1538	0	0,0909
19	0,0909	0	0	0,1818
20	0,2000	0	0,3636	0
22	0,0667	0	0,0909	0,0909
23	0,3600	0	0,5555	0,0555
24	0	0	0,2000	0

Tabela 16

Resultados da Análise de Conteúdo na Categoria "Relacionamento", no Grupo de Controle

Ss	Antes		Depois	
	-	+	-	+
14	0	0	0	0
15	0	0	0	0
16	0	0	0	0
17	0	0	0	0
18	0	0	0	0,1818
19	0	0,4545	0,0909	0,0909
20	0,1000	0	0,6363	0
22	0	0,1333	0,0909	0,0909
23	0,1200	0	0	0
24	0	0	0	0

Tabela 17

Resumo das Frequências de Imagens Auto-Referentes Obtidas Pelos Dois Grupos

GE	Antes		Depois		GC	Antes		Depois	
	+	-	+	-		Ss	+	-	+
1	2	5	16	1	14	6	10	3	8
2	5	2	12	1	15	3	11	2	5
3	1	25	12	1	16	7	4	5	5
4	4	9	11	0	17	4	3	1	8
5	0	8	14	2	18	10	3	11	0
6	0	2	7	2	19	7	1	8	2
7	4	8	19	0	20	3	5	0	11
8	5	7	12	0	22	10	4	7	4
9	5	4	11	4	23	3	16	6	12
10	6	8	10	2	24	0	7	2	3
11	5	11	12	1	-	-	-	-	-
12	6	1	8	2	-	-	-	-	-
Σ	43	90	144	16	Σ	53	64	45	58

4.3.1 - Tratamento Estatístico

Com referência à Hipótese de número dois, formulada na página 34, ou seja

No GE haverá um aumento da quantidade e proporção de auto-referências e atitudes positivas em relação ao "si-mesmo", assim como uma diminuição da quantidade e proporção de auto-referências e atitudes negativas em relação ao "si-mesmo",

gerou, em termos estatísticos, a seguinte formulação:

H_0 : as diferenças encontradas são consideradas como flutuações ocasionais.

H_1 : as diferenças encontradas não podem ser consideradas como devidas ao acaso.

Estabelecendo-se um $\alpha = 0,05$, utilizou-se a técnica do χ^2 para testar a significância das mudanças ocorridas dentro de cada grupo nas situações antes e depois.

Obteve-se para o GE um $\chi^2 = 104,59$, que comparado com o χ^2 tabelado para um grau de liberdade, $\chi^2_{0,05} = 3,84$ - permite rejeitar H_0 .

Em relação ao GC, obteve-se um $\chi^2 = 1,06$, que por sua vez impossibilita, sob as mesmas circunstâncias, rejeitar H_0 .

Quanto à Hipótese de número três, formulada na página 35, ou seja

Os sujeitos do GE perceber-se-ão:

- menos defensivos e mais abertos à experiência;
- mais congruentes;
- tendo melhor relacionamento;

após a realização da atividade experimental, gerou, em termos estatísticos, a seguinte formulação:

H_0 : as diferenças encontradas dentro de cada categoria analisada, são consideradas como flutuações ocasionais.

H_1 : as diferenças encontradas dentro de cada categoria analisada, não podem ser consideradas como devidas ao acaso.

Deve ser levado em consideração de que foi necessário avaliar isoladamente cada uma das categorias já anteriormente definidas, vinculando-se sua frequência absoluta ao número de afirmativas auto-referentes em cada relato. Essa medida permitiu a obtenção de índices de frequência relativa para cada categoria, o que determinou a utilização de técnicas específicas, aplicáveis à níveis de mensuração ordinal.

No que diz respeito a interpretação de um possível valor zero, surgiram duas alternativas: na primeira ele expressou a presença de valores numéricos iguais e direções opostas, sendo en-

tão considerado; na segunda, refletiu a ausência da categoria analisada, sendo portanto descartada.

Quanto a sub-categoria "desejo de relacionamento", vinculada hipoteticamente à categoria III, ela revelou índices extremamente reduzidos nos dois grupos considerados, impossibilitando o seu tratamento estatístico. Dada sua inexpressividade, ela foi abandonada.

Com o propósito de comparar as possíveis mudanças ocorridas, não apenas dentro dos grupos, como ainda entre os mesmos, utilizaram-se, respectivamente, as provas de Wilcoxon, - aplicável a pares igualados e diferenças ordenadas - e a técnica de Mann-Whitney - aplicável a amostras independentes, estabelecendo-se para ambas um $\alpha = 0,05$.

Os índices encontrados expressam a diferença entre os valores obtidos nos polos das categorias analisadas nas duas situações "antes-e-depois".

Tabela 18

Valores de T obtidos pela técnica de Wilcoxon "intra" grupos

	CATEGORIAS					
	I		II		III	
	GE	GC	GE	GC	GE	GC
T	1*	15	2*	16	4*	4
N	12	10	12	10	9	5

* $p < 0,05$

As três categorias apresentaram diferenças significativas em seus resultados "antes-e-depois", dentro do grupo experimental, o que não ocorreu com o grupo de controle.

Foi possível considerar que nestas diferenças estava implícita uma única direção, qual seja a de um aumento no polo negativo.

Esses valores permitiram, em hipótese unicaudal, rejeitar H_0 no GE e não rejeitar H_0 no GC.

Tabela 19

Valores de U obtidos pela técnica de Mann-Whitney "inter" grupos

		CATEGORIAS								
		I			II			III		
		52			23*			3*		
Antes		N_1 10	N_2 11	N_1 9	N_2 12	N_1 4	N_2 6			
		14*			9,5*			6*		
Depois		$N_1 = 9$	$N_2 = 12$	$N_1 = 9$	$N_2 = 10$	$N_1 = 4$	$N_2 = 7$			

* $p < 0,05$

Entre os grupos experimental e de controle, as categorias apresentaram resultados diversos:

- na situação "antes", a categoria I mostrou-se homogênea, permitindo supor que as diferenças entre os grupos podiam ser consideradas

como flutuações ocasionais; já as categorias II e III evidenciaram diferenças significativas, revelando para o grupo experimental a presença de valores mais acentuados em relação com o polo negativo das categorias em questão.

- na situação "depois", os valores encontrados demonstraram que os dois sub-grupos não possuem, - em qualquer das categorias analisadas - características de homogeneidade, não sendo possível considerá-los como oriundos de uma população única.

Observa-se também que, em relação às três categorias, o grupo experimental apresentou valores mais dilatados relacionados com o polo positivo das categorias em questão. Este dado vem mais uma vez confirmar nossas suposições quanto à efetividade e ao valor das modificações provocadas no grupo experimental.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

A análise estatística apresentada no capítulo anterior, - como se pode inferir da interpretação feita a partir de cada índice utilizado, - permitiu, em linhas gerais, concluir em favor dos pressupostos que orientaram o plano geral da pesquisa.

O grupo de encontro básico extensivo utilizado nesse estudo, tanto como processo quanto como variável independente, produziu, de modo geral, os efeitos esperados, previsíveis dentro da teoria rogeriana. Esses efeitos, definidos e operacionalizados no levantamento dos resultados como "abertura à experiência", "congruência" e "relacionamento" foram comprovados em quase todos os testes de hipóteses realizados.

Neste capítulo discutem-se, em maior detalhe, cada uma das hipóteses formuladas.

5.1 - Primeira Hipótese

A formulação da primeira hipótese expressa justamente o próprio processo básico do trabalho de cada indivíduo dentro de um grupo de encontro básico extensivo: a dinâmica interpessoal conduzida não diretamente favorece condições de funcionamento pleno e adequado, levando a uma reorganização da imagem de "si-mesmo". (Vide Fig. 4, p. 74).

No experimento realizado procurou-se verificar justamente a ocorrência de mudanças significativas na auto-percepção que, se verificadas, comprovariam um dos fatores centrais desencadeantes das melhorias objetivadas numa atividade de grupo desse tipo. (Vide p.14, 32 e 33)

Com base no tratamento estatístico descrito nas páginas 102, 103 e 104, pode-se concluir o seguinte: as mudanças ocorridas no grupo experimental, como medidas, através da "Self-Anchoring Striving Scale", mostraram ser significativas; isto indica que a vivência de "si-mesmo" foi percebida de uma forma significativamente diferente, mostrando uma dilatação da percepção de "si-mesmo".

Não só os resultados desse primeiro teste apontam esta conclusão. Também os resultados obtidos com referência à segun-da e terceira hipóteses, reforçam tal conclusão. Como naquelas duas hipóteses foram verificadas mudanças de qualidade e natureza na percepção de "si-mesmo", evidentemente foi, - em primeiro lugar, - confirmada uma alteração na imagem de "si-mesmo", que era o propósito ao formular-se a hipótese inicial.

5.2 - Segunda Hipótese

A verificação dessa hipótese objetiva introduzir na pesquisa um elemento direcional do processo de mudança, sendo esse elemento operacionalizado através do aumento do número de imagens auto-referentes positivas e uma diminuição do número de imagens auto-referentes negativas.

Os resultados demonstraram exatamente o que se propôs na primeira hipótese, indicando que o trabalho do grupo de encontro básico extensivo mobilizou um processo de maior aceitação de "si-mesmo" e por outro lado minimizou a auto-subestimação. (Vide p. 33, 56 e 57)

Além disso, como no grupo de controle não se registrou tal ocorrência, pode-se garantir que o fator determinante das modificações apontadas foi a manipulação experimental.

5.3 - Terceira Hipótese

Ao levantar-se a terceira hipótese, pretendeu-se investigar se, através do grupo de encontro básico extensivo são efetivadas as três transformações, esperadas como efeitos dentro da teoria de Rogers: maior "abertura à experiência", maior "congruência" e melhor "relacionamento". Assim, procurou-se definir quais desses efeitos se evidenciaram mais significativamente, através das mudanças que os próprios indivíduos descreveriam, em sua percepção de "si-mesmos", isto é, a natureza das mudanças.

O tratamento estatístico utilizado comparou os relatos feitos pelos grupos experimental e de controle em dois momentos, antes e depois do trabalho experimental, e também permitiu a análise comparativa dos dois grupos entre si nos dois momentos (diferenças intra-grupos e inter-grupos). Os resultados obtidos pela comparação intra-grupos, possibilitam uma série de conclusões:

- As diferenças encontradas, antes e depois do grupo de encontro básico extensivo, em cada uma das categorias de levanta

mento dos relatos (análise de conteúdo), foram significativas para o grupo experimental, no sentido de evidenciarem um aumento relevante de respostas indicadoras de "abertura à experiência", "congruência" e "relacionamento" positivos. Como o mesmo não ocorreu dentro do grupo de controle, fica-se em condições de atribuir, com segurança, as diferenças encontradas à influência do processo de grupo empregado.

- Mas seriam os dois sub-grupos, GE e GC, nos dois momentos da investigação, diferentes entre si, no que se refere às categorias avaliadas? Esta pergunta era cabível, porque, sendo diferentes, haveria necessidade de reinterpretar as diferenças, dentro de cada um dos grupos, em função da natureza de cada um. A melhor verificação, em termos da terceira hipótese, seria a constatação de que os grupos experimental e de controle fossem significativamente diferentes, nas três categorias, apenas depois da manipulação experimental e apresentando o grupo experimental maior "abertura à experiência", maior "congruência" e melhor "relacionamento", nesse momento, do que o grupo de controle.

No entanto, tal verificação só pode ser feita para a categoria "abertura à experiência". Quanto às outras duas, os dois grupos revelaram diferenças significativas não só depois do trabalho experimental, mas também antes dele.

Note-se, porém, que a análise de conteúdo mostrou com muita clareza, que os sujeitos do grupo experimental, na situação "antes", eram menos congruentes e mais tendentes a um relacio-

namento negativo, do que os sujeitos do grupo de controle, e isto de forma significativa. Esta constatação parece estar de acordo com os pressupostos da teoria rogeriana, segundo os quais as pessoas que procuram atividades de caráter terapêutico devem revelar altos graus de incongruência e de problemas de relacionamento interpessoal. Além disso, na situação "depois", as diferenças se inverteram: o grupo experimental passou a mostrar-se significativamente mais congruente e mais tendente a um relacionamento positivo, do que o grupo de controle.

Combinando esta conclusão com a anterior (diferenças intra grupos), pode-se afirmar que:

- 1) o grupo de controle manteve, nas duas situações, "antes-e-depois", um nível relativamente homogêneo de auto-imagens indicativas das três categorias avaliadas;
- 2) o grupo experimental, semelhante ao grupo de controle antes da manipulação experimental no que se refere à categoria "abertura à experiência", passou depois a perceber-se mais "aberto à experiência";
- 3) o grupo experimental, apresentando auto-imagens menos congruentes do que o grupo de controle antes da manipulação experimental, passou a vivenciar-se como mais congruente;
- 4) os sujeitos do grupo experimental, mais propensos do que os do grupo de controle a ver em "si-mesmos" problemas de relacionamento, passaram a perceber-se como pessoas capazes de relacionamento positivo.

Estas afirmações enriquecem a confirmação da terceira hipótese e reforçam uma conclusão positiva a respeito da influência do grupo de encontro básico extensivo, o qual parece realmente proporcionar, aos seus participantes, condições mais favoráveis para reorganizar sua auto-percepção e, a partir dessa reorganização, concretizarem mudanças no seu comportamento.

5.4 - Hipótese adicional

Investigou-se complementarmente a hipótese de que a atividade de grupo levada a efeito favoreceria uma diminuição do nível de ansiedade de seus participantes.

Para tanto, seria indicado proceder a uma análise semelhante à feita para comprovação da terceira hipótese. Não tendo sido possível, porém, a aplicação da escala de Spielberger (STAI), - antes da manipulação experimental nos dois grupos, GE e GC, usaram-se apenas comparações entre os grupos e não intra grupos.

Comparando-se os dois grupos, pelos resultados estatísticos, nota-se que não houve diferenças significativas entre os escores que medem os níveis de ansiedade percebidos não só no "agora" (State), como no "geralmente" (Trait).

Esperar-se-ia que, o grupo experimental, já testado depois da atividade de grupo, apresentasse uma redução no nível de ansiedade, ou seja, que se percebesse menos ansioso do que o grupo de controle. No entanto, como não foi feita a testagem antes da atividade de grupo, não se pode ter uma noção de como era quanto

ao nível de ansiedade, antes da manipulação experimental. É possível que seu grau de ansiedade percebida fosse bastante maior do que o do grupo de controle, tanto assim que se compunha de pessoas que se propuseram voluntariamente a uma atividade terapêutica.

Assim, pode ter ocorrido que os sujeitos do grupo experimental, caracterizados por uma auto-percepção muito ansiosa, tenham diminuído esse nível de ansiedade durante a manipulação experimental, a ponto de passar a apresentar escores no inventário de Spielberger não significativamente diferentes dos do grupo de controle, sendo este segundo grupo composto de indivíduos tidos como pouco ansiosos, - pelo menos capazes de perceber-se como não necessitados de atividade terapêutica. O único elemento de que dispomos, parece confirmar tal suposição: a média dos escores encontrados nos grupos experimental e de controle da presente pesquisa são muito semelhantes aos da média dos Ss da pesquisa que vem sendo levada a efeito para validação das normas do STAI brasileiro. Isso indica, pelo menos por agora, - já que os estudos de validação ainda não foram concluídos, - que os grupos experimental e de controle dessa pesquisa, ao final da manipulação experimental, estavam com seus níveis de ansiedade iguais e bastante baixos.

Como na discussão da terceira hipótese, foi possível verificar diferenças entre os grupos experimental e de controle na situação "antes", e sendo estas diferenças desfavoráveis para o grupo experimental (maior incongruência e pior relacionamento do que o grupo de controle), é bem plausível que também nesse caso, quanto ao nível de ansiedade, o grupo experimental apresentasse maior

nível de ansiedade do que o grupo de controle. Esta é mais uma indicação favor da conclusão já formulada: deve ter havido uma redução do nível de ansiedade no grupo experimental após a realização do grupo de encontro básico extensivo, redução que levou a escores normais e não diferenciados do grupo de controle.

5.5 - Considerações Finais

Diante das conclusões expostas nos itens anteriores, aliados a uma série de considerações,

- os resultados da presente pesquisa, - apesar de seu caráter exploratório, - concordam plenamente com aqueles cujas pesquisas são citadas nas páginas 3, 24 e 29; eles também não entram em choque com nenhum dos resultados já publicados por Rogers, seus colaboradores ou seguidores, no que diz respeito a auto-percepção, mudanças na auto-percepção e efeitos dos grupos de encontro básico;
- a não ser as pesquisas de Weissman, Seldman e Ritter (1971)* e de Bébout e Gordon (1972)**, - que confirmam a eficácia dos grupos de encontro básico, - nenhum outro trabalho de caráter científico foi realizado nesse sentido;
- o fato de não ter-se encontrado investigações realizadas no sentido de u'a maior duração dos grupos de encontro básico como instru -

* Psychological Reports, 1971, 28, 651-661.

** Já citado na página 3.

mento adequado para induzir mudanças positivas nas dimensões e funcionamento psicológicos, pessoais e interpessoais;

tudo anima a sugerir pesquisas mais rigorosas e de maior amplitude no que diz respeito à validação do método de Grupo de Encontro Básico Extensivo.

Tal medida forneceria aos profissionais da Psicologia, um instrumento eficaz e adequado no sentido de um alcance mais amplo de seu trabalho assistencial e humanista, tal como foi proposto na Introdução.

APÊNDICE

Anexo I - "Self-Anchoring Striving Scale"

Forma utilizada para o Grupo Experimental

"ESCALA DE AUTO-FIXAÇÃO" de Cantril

10
9
8
7
6
5
4
3
2
1
0

Instruções: Para que possamos avaliar os efeitos de nossa atividade de grupo, solicitamos que você marque a posição de dois momentos de sua vida, com base em suas próprias percepções, objetivos e valores: Antes de começar nosso grupo e agora, no fim do mesmo.

Para fazer tal marcação, você deve utilizar a escada ao lado, pensando em:

- "Como eu percebo agora, como eu era antes do grupo", e marcando sua posição com um A no ponto da escada em que você acha que se encontrava.

Em seguida pense em:

- "Como eu me percebo agora, no final do grupo", e marcando sua posição com um F no ponto da escada em que você acha que se encontra agora.

Nome _____

Anexo II - "Self-Anchoring Striving Scale"

Forma utilizada para o Grupo de Controle

"ESCADA DE AUTO-FIXAÇÃO" de Cantril

10
9
8
7
6
5
4
3
2
1
0

Instruções: Estamos realizando uma pesquisa sobre auto-percepção. Aqui ao lado você tem uma espécie de escada com seus degraus. Com base em suas próprias percepções, objetivos e valores, solicitamos que você marque a posição de dois momentos de sua vida: no mês de março desse ano e agora.

Para fazer tal marcação, você deve utilizar a escada ao lado, pensando em:

- "Como eu percebo agora, como eu era no mês de março desse ano", e marcando sua posição com um A no ponto da escada em que você acha que se encontrava.

Em seguida pense em:

- "Como eu me percebo agora", e marcando sua posição com um F, no ponto da escada em que você acha que se encontra.

Nome _____

Anexo III - "State-Trait Anxiety Inventory"

Parte I (A-State) Forma feminina

QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO (Forma feminina)

STAI - Parte I

Nome: _____ Data ___ / ___ / ___ Sala _____

INSTRUÇÕES

A seguir são dadas algumas afirmações que tem sido usadas para descrever sentimentos pessoais. Leia cada uma e faça um círculo ao redor do número à direita que melhor indicar como você se sente agora, neste momento. Não há respostas certas nem erradas. Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar uma resposta que mais se aproxime de como você se sente neste momento.

1. Absolutamente
2. Um pouco
3. Bastante
4. MUITÍSSIMO

- | | | | | |
|--|---|---|---|---|
| 1. Sinto-me calma..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Sinto-me segura..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Estou tensa..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Estou arrependida..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5. Sinto-me à vontade..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 6. Sinto-me perturbada..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 7. Estou preocupada com possíveis infortúnios..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. Sinto-me descansada..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 9. Sinto-me ansiosa..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 10. Sinto-me "em casa"..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 11. Sinto-me confiante..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 12. Sinto-me nervosa..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 13. Estou agitada..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 14. Sinto-me uma pilha de nervos..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 15. Estou descontraindo..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 16. Sinto-me satisfeita..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 17. Estou preocupada..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 18. Sinto-me super-excitada e confusa..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 19. Sinto-me alegre..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 20. Sinto-me bem..... | 1 | 2 | 3 | 4 |

Reproduzido com permissão de C.D. Spielberger (9/5/73) a Dra. Angela Biaggio, para finalidade exclusiva de pesquisa.

Anexo IV - "State-Trait Anxiety Inventory"

Parte II (A-Trait) Forma feminina

QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO (Forma feminina)

STAI - Parte II

Nome: _____ Data ___ / ___ / ___ Sala _____

INSTRUÇÕES

A seguir são dadas algumas afirmações que tem sido usadas para descrever sentimentos pessoais. Leia cada uma e faça um círculo ao redor do número à direita, que melhor indicar como você geralmente se sente. Não há respostas certas nem erradas. Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você se sente geralmente.

1. Raramente (quase nunca)
2. Às vezes
3. Frequentemente
4. Quase sempre

- | | | | | |
|--|---|---|---|---|
| 1. Sinto-me bem..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Canso-me facilmente..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Tenho vontade de chorar..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5. Perco oportunidade porque não consigo tomar decisões rapidamente..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 6. Sinto-me descansada..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 7. Sou calma, ponderada e senhora de mim mesma..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não as consigo resolver..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 9. Preocupo-me demais com coisas sem importância..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 10. Sou feliz..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 11. Deixo-me afetar muito pelas coisas..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 12. Não tenho muita confiança em mim mesma..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 13. Sinto-me segura..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 15. Estou deprimida..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 16. Estou satisfeita..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 17. Às vezes, idéias sem importância me entram na cabeça e ficam me preocupando..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 19. Sou uma pessoa estável..... | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 20. Fico tensa e perturbada quando penso em meus problemas..... | 1 | 2 | 3 | 4 |

Anexo V - Tipo de Relato Verbal utilizado na Análise de Conteúdo.

Sinto-me agora satisfeita com o que te
nho conseguido. Uma grande vitória é
que estou me aceitando muito melhor, as
sim como eu realmente sou, vendo minhas
contradições sem fugir delas e sem me
deprimir. Consequentemente, estou acei
tando melhor as outras pessoas, gostan
do delas como são, apesar das suas con
tradições e diferenças de mim. Evidente
mente não consegui isto com todas as
pessoas (talvez não deva conseguir mes
mo) mas sinto-me menos "crítica". Sin
to-me mais coerente comigo mesma. Es-
tou conseguindo fazer as coisas que eu
sempre quis e que antes eu nunca tinha
conseguido realmente. Sinto-me mais
natural e franca. Mais aberta. Sou fe
liz e vejo imensas perspectivas de ca-
da vez melhorar mais e por isso sinto-
me responsável em fazer os outros feli
zes também. Quero cada vez mais apren
der a escutar os outros, sentir por em
patia o que eles sentem. Tenho feito
progressos.

Anexo VI - Instruções para os Analistas de Conteúdo

INSTRUÇÕES PARA AVALIAÇÃO
DE DETERMINADAS CATEGORIAS
DE SENTIMENTOS ATRAVÉS DA
ANÁLISE DE RELATOS VERBAIS

Solicitamos dos Srs. Analistas que se baseiem nas instruções anexas, que estipulam três parâmetros para analisar - em termos de conteúdo manifesto - a presença ou não de certos sentimentos dos Ss cujos relatos verbais estão sendo fornecidos.

UMA EXPLICAÇÃO

Os relatos que estamos lhe fornecendo, foram redigidos pelos Ss de dois grupos, um experimental e outro de controle, sendo que o primeiro esteve submetido a uma situação de relacionamento interpessoal em grupo, durante um determinado número de sessões. Esses relatos são resposta a um estímulo dado a todos os Ss: - "Como eu me percebo agora", em duas ocasiões diversas: antes e depois da situação de grupo.

Tais redações deverão passar por uma "análise de conteúdo", utilizando três categorias de sentimentos: Abertura à Experiência, Congruência e Relacionamento.

Uma vez realizada tal tarefa, os resultados serão comparados aos dos outros analistas, com o propósito de alcançar maior homogeneidade e coerência possível na avaliação dos sentimentos categorizados.

Assim, escolhemos essas três categorias cuja descrição faremos adiante, para servirem de parâmetros da referida avaliação.

INSTRUÇÕES

Prezariamos que nos fornecessem, em função de cada relato:

- 1) a sua divisão em frases "auto-referentes" e "não-auto-referentes";
- 2) a numeração ordinal das frases "auto-referentes";
- 3) julgar, analisando cada uma dessas frases, em termos de seu conteúdo manifesto, se pertencem ou não a uma das categorias

abaixo;

4) anotar essa categorização na própria folha do relato. Exemplo: Se a segunda frase "auto-referente" de um determinado relato for - "tenho medo de muitas coisas" - sua categorização seria o de "defensividade", que é o polo oposto de "Abertura à Experiência". A anotação 2 poderia ser colocada numa coluna "negativa" da categoria "Abertura à Experiência. Se a quinta frase "auto-referente" de outro relato for - "tenho facilidade de me relacionar" - sua categorização seria de "relacionamento" e a anotação 5 poderia ser colocada numa coluna "positiva" da categoria "relacionamento". No final, cada relato poderia ter o seguinte resumo:

Relato nº 512

Número de frases: 14

Número de frases "auto-referentes": 13

Número de auto-imagens:

	Negativas	Positivas
Categoria I	3,4,5,6,7,12	1,2,8,10
Categoria II	11, 13	9
Categoria III		
Total	8	5

As Categorias

Um conceito de funcionamento "pleno" da Personalidade

Em razão de lhe termos solicitado uma espécie de psicodiagnóstico que envolve uma análise de um funcionamento da personalidade, isto é, de uma dinâmica psicológica; e pelo fato de existirem diversas teorias a respeito dessa dinâmica interior, sentimos a necessidade de explicar qual a abordagem que adotamos em nossas pesquisas.

Assim, tentaremos fazer um resumo do que significa "funcionamento pleno" para Carl Rogers. Esse autor sempre se preocupou - subjetiva e objetivamente - com o resultado de interações que desenvolvem o crescimento (growth) pessoal e interpessoal dos indivíduos. A sua experiência terapêutica, somada aos resultados de muitas investigações realizadas por sua equipe, além da de outros rogerianos, obrigou-o a rejeitar a idéia de igualar vida plena à satisfação, felicidade ou realização. Também não aceitou explicações homeostáticas, em termos de redução de tensão. Para ele, esses termos sugerem um fim, uma meta, o objetivo da vida; tal fato porém não representa para ele um fim em si, pois admite a sua possibilidade, mas não em termos de "vida plena"; "essa é um processo, não um estado fixo; é uma direção e não um ponto de chegada". - "É o processo do movimento numa direção que o organismo humano seleciona quando é anteriormente livre para se mover em qualquer direção, e as características gerais dessa direção escolhida revelam uma certa universalidade.

Dessa forma, as pessoas "em funcionamento pleno" apresentariam certas características:

A primeira é a abertura à experiência, (a nossa primeira categoria escolhida). O processo a que nos referimos à página 125 (grifado), parece implicar numa abertura crescente à experiência ou à realidade - tanto interna como externa. Sendo ela uma atitude oposta à atitude de defesa, qualquer estímulo tem livre trânsito no organismo, isto é, não há por isso, nem rejeição nem distorção. Essa característica mostra que uma pessoa aberta à experiência é livre de mecanismos de defesa e, portanto, capaz de escutar-se e escutar os outros, de tomar consciência de seus estados psíquicos, quer negativos (desânimo, irritabilidade, inveja, etc.), quer positivos (ternura, admiração, otimismo, satisfação, etc.). "É livre de viver subjetivamente os sentimentos que nele aparecem, e também livre de ser consciente de tais sentimentos. É mais capaz de viver plenamente as experiências de seu organismo, em vez de as excluir do campo da consciência".

Outro aspecto interessante é o grau de abertura à experiência que, segundo Rogers, revela o grau de maturidade da pessoa. Dessa forma, parece que "maturidade" e "abertura à experiência" são termos equivalentes para Rogers: *"Há maturidade psíquica quando o indivíduo tem percepção diferenciada e realista, isto é, quando não recorre à defesa"*. E assim assume a responsabilidade de sua individualidade e de suas convicções, julga de modo autônomo, com base em suas próprias experiências.

A característica seguinte é ter uma "vida progressivamente mais existencial", que se expressa em uma tendência crescente para viver plenamente cada momento como se fosse novo. Esse viver no momento significa uma ausência, não só de rigidez mas também de organização estreita, de estruturação da experiência do indivíduo. Significa a presença de um máximo de adaptabilidade, uma organização fluente, mutável, do "si-mesmo" e da personalidade. A estrutura viria na própria experiência e não forçaria o enquadramento dessa última numa estrutura fixa e interna.

A terceira característica da pessoa em funcionamento pleno é a "confiança crescente no seu organismo" como meio de tender para um comportamento cada vez mais satisfatório em todas as situações existenciais. Tais indivíduos "se tornam cada vez mais capazes de confiar nas suas reações orgânicas totais, frente a situações novas, porque foram progressivamente descobrindo que, se estiverem abertos à experiência, se fizerem o que sentem que seria bom fazer, essas reações revelar-se-ão como guia competente e digno de confiança do comportamento que realmente satisfaz". Isto é, à medida que se tornam mais abertos à sua experiência integral, descobrem que cada vez mais é possível ter confiança nas suas reações.

Assim surge uma quarta característica, derivada das anteriores, em que o indivíduo passa a ser o seu centro (interno) de avaliação. A pessoa aberta à experiência e confiando em suas pró-prias reações, toma gradativamente consciência de ser ela a fonte de suas decisões, apreciações e escolhas, e assim orientar-se-á progressivamente mais por si mesma e menos pelos outros, pelo que pen-

sam ou dizem, ou a fim de lhes agradar.

Finalmente, uma última característica se faz evidente: a "vontade de ser processo", o sentimento de que não é uma estrutura fixa, mas sim um constante vir a ser, sempre em direção a uma plenitude, que o indivíduo sente como "não sendo uma meta determinada". É como estar embarcado em um trem cujo destino lhe é desconhecido, mas tem certeza que é o trem que lhe serve.

Como se pode verificar, a teoria rogeriana não propõe como ideal a vida plácida, acomodada; esta não corresponde ao dinamismo orgânico. O ideal é a pessoa em mudança.

Nesse ponto fica mais fácil mostrar que há uma tônica em todas essas características: as pessoas empenhadas em tornar-se elas mesmas tendem a caminhar sempre de uma maior rigidez para uma fluidez também cada vez maior. As características apontadas mostram todas esse "fluir", através das palavras "progressivamente", "crescente", "gradativamente", "processo", etc., o que nos permite, não só utilizá-las nos "continuum" apontados nas instruções, como também explica a sua construção em dois polos, isto é, de um polo de maior rigidez estrutural para um polo de maior dinamismo psicológico.

Após essas explicações, cremos ser mais fácil entender a conceituação que fazemos adiante em relação às categorias escolhidas.

1a. Categoria: Abertura à Experiência

Definição e Conceituação

Essa categoria se caracteriza por um "continuum" teórico entre dois polos: de um lado a "atitude defensiva" e do outro a "abertura à experiência".

"Atitude defensiva" é a resposta do organismo à experiências que foram aprendidas ou antecipadas como ameaçadoras, como incongruentes com a imagem que o indivíduo faz de si-mesmo ou de si-mesmo em relação com o mundo. Essas experiências ameaçadoras são temporariamente tornadas inofensivas, ao serem deformadas ou negadas pela consciência.

A "abertura à experiência" é um estado que *"permite a todo estímulo, seja ele de origem externa ou interna, entrar livremente no organismo sem ser deformado pela ação de mecanismos de defesa"*.

Assim o indivíduo vivenciaria sua reação a todo estímulo. *"Todos os dados da experiência teriam livre acesso à consciência (ou percepção) - sejam eles provenientes da estimulação de nervos sensoriais por configurações de massa, de sons ou cores procedentes do meio exterior ou provenientes do meio interior tais como experiências passadas, sensações de medo, prazer, asco, ou qualquer outra modalidade de percepção"*.

Isto não quer dizer que o indivíduo tenha presente, em um dado momento, todos os processos que nele se passam. Seus

sentimentos podem ser vividos subjetivamente sem ser claramente reflexivos e também podem ser vividos objetivamente com representações conscientes. O que importa não é o grau de consciência e reflexão, mas sim a ausência de barreiras, inibições, que são capazes de impedir a percepção completa.

Com o propósito de nos tornarmos claros, escolhemos alguns exemplos dentro do próprio universo de redações que lhe fornecemos, o que permite maior homogeneidade em nossa análise.

Exemplos de "defensividade":

- "não me sinto bem ao me expor aos outros"
- "tenho medo de algumas pessoas"
- "não sei como os outros me percebem"
- "ofereço resistências às pessoas"

Exemplos de "abertura à experiência":

- "sinto que posso chegar a ser mais segura"
- "quando estou muito cansada, fico irritada, mas consigo conscientizar esse estado, evitando muitos atritos"
- "tudo isso se passa muito interiormente"
- "isso me faz sentir pouco verdadeira"

Consequências de "defensividade":

Rigidez perceptual (tendência a representar as próprias experiências em termos absolutos e incondicionais).

Consequências de "abertura à experiência":

Integração, harmonia, auto-crítica, bom-senso, responsabilidade, auto-confiança.

2a. Categoria: Congruência

Definição e Conceituação

Essa categoria também se caracteriza por um "continuum" teórico entre dois polos: de um lado a "incongruência" e do outro a "congruência".

Esses dois termos podem ser definidos em uma abordagem lewiniana - de nível de aspiração e nível de realização: Quanto maior for a diferença entre os dois níveis, maior a incongruência; e quanto menor essa diferença, maior a congruência.

A incongruência também pode ser considerada em termos de ambiguidade e insegurança, pois Rogers diz que o comportamento neurótico é uma manifestação do estado de incongruência: tal comportamento ora se conforma às exigências do "si-mesmo", ora às solicitações do organismo.

O termo congruência foi introduzido por Rogers para indicar uma correspondência mais adequada entre a experiência, a consciência e a comunicação. Para exemplificar tal estado, nada melhor que citar o comportamento das crianças, principalmente as de pouca idade, pela sua maneira transparente de reagir e se comportar. Se uma criança manifesta afeição, zanga, contentamento ou medo, é facilmente observável que ela está sendo a sua experiência. Assim

ela é congruente, verdadeira e integrada. Todo seu organismo age de maneira uniforme: ela experencia a zanga visceralmente, tem consciência disso e a comunica plenamente, sem subterfúgios.

A incongruência por seu lado, apresenta dois aspectos importantes que devem aqui ser ventilados: o primeiro se caracteriza pela interposição de uma barreira entre a experiência e a consciência, não permitindo ao indivíduo perceber ou conscientizar o que se passa no seu íntimo, fazendo com que a comunicação não coincida com sua experiência. O exemplo típico desse estado é o do participante de um grupo que se exalta, seu rosto se congestiona e seu tom de voz traduz irritação ao se dirigir a determinado membro do grupo. No entanto, quando um colega lhe diz para não se exaltar, ele responde surpreso que não está irritado nem exaltado, apenas expõe os fatos lógicos e mais nada. Parece evidente que esse indivíduo está exaltado a um nível fisiológico. Mas a experiência dessa irritação não é captada pela consciência. Conscientemente ele não está irritado, e por isso não comunica verbalmente sua irritação. Isso mostra uma incongruência entre a experiência e a consciência e entre a experiência e a comunicação. Esse tipo de incongruência é visível através do comportamento do indivíduo para as pessoas que o cercam.

Um outro gênero de incongruência se caracteriza pela interposição de uma barreira entre a consciência e a comunicação. Nesse caso o indivíduo tem consciência de sua experiência mas não a comunica da forma como a percebe. Um ótimo exemplo é o da dona de casa que, cansada e bocejante, se dirige às visitas que se le

vantam para sair e diz - "mas já? fiquem mais um pouco". Tem-se aí a incongruência entre a consciência e a comunicação, que habitualmente é chamada de falsidade ou duplicidade.

Do que ficou exposto acima, decorrem ainda algumas características importantes: se uma pessoa for verdadeiramente congruente, evidencia-se que toda sua comunicação far-se-á num contexto de percepções pessoais. Ela não dirá "Fulano é estúpido" ou "Beltrano é hipócrita", mas sim: "Fulano me parece estúpido" e "Beltrano me dá uma sensação de hipocrisia". Isso mostra que tal indivíduo nunca usa a expressão de um fato como exterior. Ele apenas apreende que isso lhe surge daquela forma e não que aquilo é. Expressar-se-á sempre através de sentimentos, percepções e significações de um quadro referencial interior.

A recíproca no entanto, não é verdadeira. Isto é, o fato da pessoa falar sempre num contexto de percepções pessoais não quer dizer que é congruente; ele pode ter aprendido a falar dessa forma e usar a comunicação como mecanismo de defesa.

Exemplos de "Incongruência":

- "eu costumo agir, mas faço pouco"
- "eu não consigo me aceitar"
- "sou excessivamente exigente comigo mesma"
- "tenho sentimentos de rejeição"

Exemplos de "Congruência":

- "ainda não cresci o suficiente para encarar meus grilos"
- "sei que sou carente e ciumenta"
- "vejo-me com clareza agora e consigo aceitar-me"
- "sinto-me mais natural, aberta e franca"

Consequências de "Incongruência":

Não aceitação de si-mesma, inautenticidade, subestimação de si mesmo.

Consequências de "congruência":

Auto-aceitação, auto-estima, autenticidade.

3a. Categoria: Relacionamento

Definição e Conceituação

É a capacidade de comunicar-se com os outros por meio de idéias e ações.

Mas, é necessário esclarecer que não se trata de uma categoria separada das anteriores. É antes um resultado delas. Assim, se houver maior "abertura à experiência" e maior "congruência" ter-se-á um maior "relacionamento positivo"; se houver maior "defensividade" e maior "incongruência" tanto maior será o "relacionamento negativo".

Num relacionamento positivo a comunicação é considerada como satisfatória para as pessoas envolvidas, e no negativo, como insatisfatória.

Dessa forma, é possível caracterizar a categoria "relacionamento" também por um "continuum" teórico entre dois polos: "relacionamento positivo" e "relacionamento negativo".

No entanto, sentiu-se a necessidade de acrescentar um outro ponto na escala do relacionamento: o desejo de relacionar-se, que se caracteriza pela vontade que a pessoa tem de um relacionamento diferente, mais efetivo, por não se satisfazer com os que tem. Acreditou-se que tal estado de ânimo fosse intermediário entre um relacionamento positivo e um negativo, pois a pessoa que nele se encontra, caracteriza-se por querer melhorar seu relacionamento e não se satisfaz com o que tem. Assim definiu-se mais um ponto do "continuum" teórico, um ponto intermediário, como "desejo de relacionamento".

Exemplos de "relacionamento positivo":

- "sou extrovertida e costumo me dar bem em minhas relações"
- "gosto das pessoas com quem me dou"
- "a minha aceitação acarreta uma aceitação dos outros"
- "estou aceitando bastante os outros"
- "sinto que as pessoas me aceitam porque eu as aceito"

Exemplos de "relacionamento negativo":

- "tenho dificuldades de relacionamento"
- "tenho grandes resistências à pessoas"
- "sou introvertida"
- "me fecho para grupos"

Exemplos de "desejo de relacionamento":

- "estou curiosa com a possibilidade de novos relacionamentos"
- "quero fazer parte do grupo"
- "sinto que posso me dar mais aos outros"
- "quero me relacionar mais"
- "desejo trabalhar com pessoas"
- "tenho que diminuir minhas resistências ao grupo, para me relacionar melhor"

Consequências do relacionamento positivo:

Aceitação do outro, compreensão do outro, espírito de grupo.

Anexo VII - Cronograma da Pesquisa

1974	
15/3	Início da Pesquisa
18/3	Abertura de Inscrições
22/3	Planejamento
26/3	Coleta de Material de Préteste
29/3	Primeira sessão de Grupo
31/5	Entrega do Projeto de Tese
1/6	Início da Confecção da Tese
1/7	Início do Levantamento de Dados para a Análise de Conteúdo
29/11	Coleta de Material de Pósteste
30/11 7/12	Aplicação da Escala de Cantril e do Inventário de Spielberger
1975	
1/1 a 31/1	Confecção e Transformação dos Resultados
31/1	Encerramento da Pesquisa
1/2 a 28/2	Impressão Gráfica
28/2	Entrega da Tese

BIBLIOGRAFIA

1. Anzieu, D. e Martin, Jy. - La Dinámica de los Grupos Pequeños. Buenos Aires, Kapelusz, 1971.
2. Berelson, B. - Content Analysis in Communication Research. Berelson, B. & Janowitz, M., Reader in Public Opinion and Communication. New York, The Free Press, 1966.
3. Bramer, L.M. e Shostrom, E.L. - Psicología Terapéutica. México, Herrero, 1970.
4. Campbell, D.T. e Stanley, J.C. - Experimental and Quasi-Experimental Designs for Research. Chicago, McNally, 1969.
5. Cantril, H. - The Pattern of Human Concerns. New Jersey, Rutgers, 1965.
6. Gibb, R.J. - The Effects of Human Relation Training. Bergin, A. E. & Garfield, S.L. Handbook of Psychotherapy and Behavior Change. Cap. 22. New York, John Wiley, 1970.
7. Hall, C.S. e Lindzey, G. - Teorias da Personalidade. Herder, 1969.
8. Holsti, O.R. - Content Analysis. Lindzey, G. & Aronson, E.. The Handbook of Social Psychology. Cap. 16. California, Addison-Wesley, 1968.
9. May, R. - O homem a procura de si mesmo. Vozes, 1973.
10. Olmsted, M.S. - O pequeno grupo social. Herder, 1970.
11. Pagès, M. - L'Orientation Non-directive en Psychologie Sociale. Paris, Dunod, 1970.
12. Pereti, A. de. - Libertad y Relaciones Humanas. Madrid, Marova, 1971.
13. Puente, M. de la. - Carl Rogers: de la Psicoterapia a la Enseñanza. Madrid, Razon y Fe, 1973.

14. Rogers, C.R. - Counseling and Psychotherapy. New York, Houghton, 1941.
15. Rogers, C.R. e Kinget, G.M. - Psicoterapia y Relaciones Humanas. Madrid, Alfaguara, 1967.
16. Rogers, C.R. - Psicoterapia Centrada en el Cliente. Buenos Aires, Paidós, 1969.
17. Rogers, C.R. - Tornar-se Pessoa. Lisboa, Moraes, 1970a.
18. Rogers, C.R. et al. - New Direction in Client-Centered Therapy. Hart, J.T. & Tomlinson. Boston, Houghton-Mifflin, 1970b.
19. Rogers, C.R. - Liberdade para aprender. Interlivros, 1971.
20. Rogers, C.R. - Grupos de Encontro. Lisboa, Moraes, 1972a.
21. Rogers, C.R. et al. - New Perspectives on Encounter Groups. Solomon, L.N. & Berzon, B. San Francisco, Jossey-Bass, 1972b.
22. Rogers, C.R. e Coulson, W.R. - O Homem e a Ciência do Homem. Interlivros, 1973.
23. Salomon, D.V. - Como fazer uma monografia. Interlivros, 1973.
24. Schvinger, A.A. - Grupo-T e Psicoterapia de Grupo: uma comparação. Tese de Mestrado, PUC, 1974.
25. Snygg, D. e Combs, A. - Individual Behavior. New York, Harper, 1949.
26. Stephenson, W. - The study of behavior: Q-technique and his methodology. Chicago, The University of Chicago Press, 1953.
27. Toffler, A. - O Choque do Futuro. Arte Nova, 1973.